**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**

**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**KAIO MESQUITA BONFIM**

RAP BRASILEIRO E RACIONAIS MC´S: MÚSICAS DE CRÍTICA, DENÚNCIA E RESISTÊNCIA

**MONOGRAFIA**

**GOIÂNIA**

**2024**

**KAIO MESQUITA BONFIM**

**RAP BRASILEIRO E RACIONAIS MC´S: CRÍTICA DENÚNCIA E RESISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação de Pesquisa do Curso de Licenciatura em História da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Professor(a) Licenciado(a) em História.

Orientador(a): Prof° Dr°. Eduardo José Reinato

**GOIÂNIA, 2024**

**AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me guiado e me sustentado durante toda essa jornada.

À minha mãe Cláudia e ao meu pai Osmar, por tudo o que fizeram e sempre fazem por mim. Vocês são exemplos na minha vida, e saibam que tudo o que faço é para deixá-los orgulhosos. Agradeço por todo o carinho, dedicação e cuidado. Sem vocês, eu não seria nada. Mãe e pai, eu os amo muito!

Agradeço ao meu irmão Gustavo, por todo o incentivo e apoio durante minha jornada. Não consigo imaginar uma vida em que você não esteja presente. Obrigado por toda a parceria e amizade. Saiba que não consigo viver sem suas piadas horríveis, apesar de fingir detestá-las na hora. Enfim, eu te amo muito, meu irmão!

Gostaria de agradecer à minha namorada Edila. Somente você sabe o quão difícil foi esse processo, mas você se manteve firme e sempre esteve ao meu lado. Você me faz uma pessoa melhor todos os dias. Agradeço por toda a dedicação e atenção que me deu. Sem sua parceria, esse trabalho seria muito mais desafiador. Que possamos caminhar juntos por toda a nossa vida. Eu te amo, benzinho!

Gostaria de agradecer também à minha cunhada Polyana, que me conhece desde sempre, kkk. Saiba que você é como uma irmã mais velha que nunca tive. Admiro você demais e a respeito muito. Que nossa parceria possa sempre continuar assim.

Gostaria de agradecer às minhas tias, tia Irany e tia Alzira, por todo o apoio e incentivo que me deram durante toda essa jornada. Vocês são como segundas mães para mim. Admiro, respeito e amo muito as duas. Nunca me esquecerei de toda a ajuda financeira que me deram, sem nenhuma obrigação. Agradeço de todo o meu coração.

Agradeço aos meus ex-professores, Dr. Roger dos Anjos e Afonso (carinhosamente apelidado de Liminha). Saibam que, por causa de vocês, hoje escolhi ingressar na docência em História. Obrigado por toda a ajuda, pelas conversas e conselhos. Se não fosse por vocês, eu não estaria aqui.

Agradeço ao Professor Dr. Eduardo José Reinato por toda a conversa, ajuda e orientação, e por estar sempre disposto a ajudar. Agradeço a todos os professores do colegiado de História da EFPH e igualmente a todos os departamentos.

“Se minha mãe se orgulhar, pra mim já e o suficiente”

(Mc Krawk)

**RESUMO**

Trata-se de um estudo para a compreensão do rap brasileiro como forma de crítica, denúncia e resistência, nas composições do grupo Racionais MC’s. Este trabalho tem como objetivo questionar e analisar as músicas “Pânico na Zona Sul” (1990), “Negro Limitado” (1992), “Fim de Semana no Parque” (1993), “Homem na Estrada” (1993), “Capítulo 4, Versículo 3” (1997), “Diário de um Detento” (1997) e “Qual Mentira Vou Acreditar” (1997). O procedimento de análise levou em consideração a linguagem e a temática das letras. Conclui-se que os Racionais MC’s são um grupo de rap que fala para os seus iguais, ou seja, a periferia.

**Palavras-chave**: Racionais MC’s, Rap, Hip-Hop, Crítica, Denúncia, Resistência.

**ABSTRACT**

This study aims to understand Brazilian Rap as a form of critique, denunciation, and resistance, through the compositions of the group Racionais MC's. The objective of this work is to question and analyze the songs “Pânico na Zona Sul” (1990), “Negro Limitado” (1992), “Fim de Semana no Parque” (1993), “Homem na Estrada” (1993), “Capítulo 4, Versículo 3” (1997), “Diário de um Detento” (1997), and “Qual Mentira Vou Acreditar” (1997). The analysis procedure considered the language and themes of the lyrics. It is concluded that Racionais MC's is a Rap group that speaks to its equals, that is, to the periphery.

Keywords: Racionais MC's, Rap, Hip Hop, Critique, Denunciation, Resistance.

**LISTA DE FIGURAS**

[**Figura 1 - DJ Kool Herc** 1](#_Toc183973551)8

[**Figura 2- DJ Afrika Bambaataa** 21](#_Toc183973552)

[**Figura 3-Racionais MC´s** 3](#_Toc183973553)1

[**Figura 4- Capa Holocausto Urbano** 3](#_Toc183973554)6

[**Figura 5- Capa Escolha Seu Caminho** 3](#_Toc183973555)7

[**Figura 6 - Capa Raio-X Brasil** 3](#_Toc183973556)8

[**Figura 7- Capa Sobrevivendo No Inferno** 40](#_Toc183973557)

[**Figura 8- Capa Nada Como Um Dia Após Outro Dia** 42](#_Toc183973558)

[**Figura 9 - Capa Mil Trutas, Mil Tretas** 43](#_Toc183973559)

[**Figura 10 - Capa Ta Na Chuva** 44](#_Toc183973560)

[**Figura 11 - Capa Cores e Valores** 45](#_Toc183973561)

**SUMÁRIO**

[INTRODUÇÃO 11](#_Toc183979924)

[CAPÍTULO 1 17](#_Toc183979925)

[A ORIGEM DO HIP HOP NO MUNDO. 17](#_Toc183979926)

[1.1 DJ AFRIKA BAMBAATAA E O MOVIMENTO HIP HOP. 20](#_Toc183979927)

[1.2 Como o Hip Hop vira movimento de denúncia e resistência no EUA, e como se deu sua disseminação pelo mundo. 25](#_Toc183979928)

[CAPÍTULO 2. 28](#_Toc183979929)

[ORIGEM DO RAP NO BRASIL. 28](#_Toc183979930)

[2.1. “Os quatro Pretos Mais Perigosos do Brasil” (Racionais MC’s 31](#_Toc183979931)

[2.2. Racionais MC´s: Obras 35](#_Toc183979932)

[3. ANÁLISE LITERÁRIA DAS COMPOSIÇÕES DOS RACIONAIS MC´s 47](#_Toc183979933)

[3.1 Trecho retirado da Música “Negro limitado”, segundo álbum do Racionais Mc´s. Escolha seu caminho de 1992. 49](#_Toc183979934)

[3.2 Raio-x Brasil, análise das músicas “Fim de semana no parque” e “O Homem na Estrada” 50](#_Toc183979935)

[3.2.1 Trechos da música “Fim de semana no parque” – Racionais MC´s 1993. 51](#_Toc183979936)

[3.2.2 Trechos da Música “O homem na estrada” – Racionais MC´s 1993. 53](#_Toc183979937)

[3.3. Sobrevivendo no Inferno, Análise das Músicas “Capítulo 4, versículo 3” 55](#_Toc183979938)

[“Diário de um detento” e “Em qual mentira vou acreditar”. 55](#_Toc183979939)

[3.3.1 Trechos da Música “Capítulo 4, Versículo 3” Racionais MC´s – 1997. 56](#_Toc183979940)

[3.3.2 Trecho da música “Diário De Um Detento” Racionais MC´s – 1997. 58](#_Toc183979941)

[3.3.3 Em Qual Mentira Vou Acreditar? – Racionais MC´s – 1997. 60](#_Toc183979942)

[CONSIDERAÇÕES FINAIS 63](#_Toc183979943)

[BIBLIOGRAFIA 66](#_Toc183979944)

[ANEXO A – Letra de “Pânico da zona sul” (1990) 71](#_Toc183979945)

[ANEXO B – Letra de “Negro Limitado” (1992) 74](#_Toc183979946)

[ANEXO – C Letra “Fim de semana no parque” (1993) 78](#_Toc183979947)

[ANEXO D – Letra “Homem na estrada” (1993) 82](#_Toc183979948)

[ANEXO – E Letra “Capítulo 4, Versículo 3”. (1997) 87](#_Toc183979949)

[ANEXO F – Letra de “Diário de um detento” (1993) 92](#_Toc183979950)

[ANEXO – G Letra de “Em qual mentira vou acreditar” (1997) 97](#_Toc183979951)

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, dedicamo-nos a tratar do rap no Brasil, especialmente focalizando o grupo Racionais MC’s. Como veremos, o rap surge nas periferias da Jamaica, nos anos 1960, quando aparelhos de som eram colocados nas ruas para animar os guetos jamaicanos. Esse gênero foi levado para os bairros estadunidenses por imigrantes jamaicanos, mais especificamente para o bairro nova-iorquino do Bronx. O rap tem suas raízes no Bronx, Nova York, durante o início da década de 1970, surgindo como uma forma de manifestação cultural vinculada ao hip-hop. Comumente, essa expressão artística é associada a festas de rua, onde DJs e MCs (mestres de cerimônia) animavam a plateia com música e rimas faladas.

Esse movimento cultural emergiu em um ambiente de degradação urbana e marginalização social, reunindo jovens afro-americanos e imigrantes caribenhos em celebrações comunitárias. A improvisação e as competições verbais, conhecidas como "batalhas de rima", foram essenciais para o desenvolvimento do gênero. O rap, que pode ser considerado uma fusão de ritmo e poesia, rapidamente se disseminou e diversificou, absorvendo influências de diversas tradições musicais, como funk, soul e reggae. O autor Ricardo Teperman expõe noções sobre o surgimento do rap.

Já no contexto brasileiro, o rap surge na década de 1980, mais especificamente, em São Paulo, com o movimento de “B. boys” (artistas de rua que praticam o break dance) e MCs (mestres de cerimônia). Os encontros ocorriam na estação de São Bento do metrô, na Praça Roosevelt. O rap nacional nasceu como uma influência do hip-hop nos Estados Unidos, e, por conta dessa proximidade, podemos dizer que o rap nacional sofre uma alegação de ser uma cópia do hip-hop estadunidense. No entanto, o rap nacional lutou contra essa alegação, implementando uma nova ideologia nas músicas e criando, assim, uma nova tradição.

O rap nacional utilizou o conhecimento e o uso mais politizado, com críticas ao sistema, ao cotidiano, à opressão dos negros nas periferias e à falha das políticas públicas. Um dos principais percussores dessa nova ideologia do rap nacional foi o grupo Racionais MC’s. Podemos afirmar sem medo de errar que os Racionais MC’s são o grupo mais importante para a consolidação do rap nacional brasileiro, juntamente com seu mentor Mauro Mateus dos Santos, o "vulgo" Sabotage.

Assim, surge o grupo Racionais MC’s, composto por quatro integrantes: Pedro Paulo Pereira (Mano Brown), Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue), Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock) e Kleber Geraldo Lelis Simões (KL Jay). Após a criação dos Racionais, o grupo lançou dois álbuns: *Holocausto Urbano* (1990) e *Escolha o Seu Caminho* (1992), chegando em meados de dezembro de 1993 com o álbum que mudaria a perspectiva do grupo: *Raio-X do Brasil*.

*Raio-X do Brasil* foi o antecessor do álbum mais conhecido do grupo, *Sobrevivendo no Inferno*. *Raio-X do Brasil* foi o álbum que lançou os Racionais MC’s, sendo considerado o álbum de estreia do grupo, pois foi através dele que o grupo se consolidou como o mais importante do rap nacional. Com faixas inesquecíveis, como *Homem na Estrada*, *Mano na Porta do Bar* e a mais conhecida, *Fim de Semana no Parque*.

*Raio-X do Brasil* foi lançado em 21 de dezembro de 1993 pela gravadora Zimbabwe Records. É importante ressaltar que, na época, o grupo já era totalmente consolidado e popular nas periferias paulistanas. O álbum foi lançado em uma festa na quadra da escola de samba Rosas de Ouro, com um público de pouco mais de 10 mil pessoas. Foi considerado o disco que colocou o rap como o estilo musical mais conhecido no Brasil, vendendo mais de 200 mil cópias.

Na música *Fim de Semana no Parque*, Pedro Paulo Soares Pereira, “vulgo” (Mano Brown), pratica o que dentro da comunidade do rap chamamos de “rap de denúncia”. Como o nome já sugere, trata-se de um rap que vem para denunciar algo ou alguém. No caso dessa música, a denúncia é do sistema falho de recreação precária nas comunidades pobres da Zona Sul de São Paulo, além da falta de infraestrutura para as periferias de São Paulo. Também se destaca a diferença de lazer entre as periferias e os grandes centros e bairros nobres de São Paulo, fazendo contrapontos de como é mais fácil se destruir pelas drogas e pelo álcool do que ter um lazer digno. Essa é a narrativa citada por Mano Brown durante a faixa.

A etimologia da palavra rap é uma sigla que significa “rhythm and poetry” (ritmo e poesia), como já foi apresentado anteriormente. O mito de origem vem do bairro pobre Nova York, no Bronx, em meados dos anos 1970. Segundo Teperman, para os MCs brasileiros, rap é uma sigla atrelada a “Revolução Através das Palavras”, e também a “Ritmo, Amor e Poesia”. O rap surge dentro de um movimento maior, o movimento do hip-hop.

O Brasil, na década de 1990, foi marcado pela popularização do rap devido ao início dos anos 90 ser uma época de instabilidade política, econômica e social. O Brasil acabava de sair de uma Ditadura Militar e o presidente eleito Fernando Collor de Mello conduzia políticas falhas, que pioraram a crise do país. Exatamente isso que *Raio-X do Brasil* vem contestando desde o seu lançamento, principalmente nas suas principais faixas, *Fim de Semana no Parque* e *Homem na Estrada*. Através deste álbum, os Racionais encontraram uma forma de reinventar o rap, trazendo consigo reflexões sobre o cotidiano da periferia

**INTRODUÇÃO**. Intérprete: Edi Rock. Compositor: Mano Brown. In: *Raio-X do Brasil*. Intérprete: Edi Rock. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993, 1 CD, faixa 1.

*1993, fudidamente voltando, Racionais  
Usando e abusando nossa liberdade de expressão,  
Um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país.  
Você está entrando no mundo da informação,  
Autoconhecimento, denúncia e diversão.  
Esse é o Raio-X do Brasil, seja bem-vindo*.

A citação acima corresponde à música introdutória do álbum *Raio-X do Brasil*, e a seguir vem a canção que me proponho a analisar: *Fim de Semana no Parque*. A música, logo de cara, se faz uma dedicatória: "A toda comunidade pobre da Zona Sul". *Fim de Semana no Parque* traça uma realidade cotidiana e corriqueira enfrentada pelas pessoas mais pobres das periferias paulistas, mostrando a realidade nua e crua das diversas desigualdades sociais, sejam elas econômicas ou culturais, embasadas em trechos trazidos pelo rap de Mano Brown.

*“Sou assim e estou legal, até me leve a mal,  
Malicioso e realista sou eu, mano Brown.  
Me dê 4 bons motivos pra não ser.  
Olha meu povo nas favelas e vai perceber.  
Daqui eu vejo uma caranga do ano,  
Toda equipada e o tiozinho guiando,  
Com seus filhos ao lado, estão indo ao parque,  
Eufóricos, brinquedos eletrônicos.  
Automaticamente eu imagino,  
A molecada lá da área como é que tá,  
Provavelmente correndo pra lá e pra cá,  
Jogando bola descalços nas ruas de terra.  
É, brincam do jeito que dá.  
Gritando palavrão, é o jeito deles.  
Eles não têm videogame, às vezes nem televisão,  
Mas todos eles têm um dom, são Cosme, são Damião,  
A única proteção.”*

Por diversos trechos da música, vemos Mano Brown fazendo essas comparações, mostrando o quão diferentes são as realidades. Enquanto no primeiro momento, a primeira família tem um carro do ano e som, para a “molecada” da periferia resta uma bola e um chão de terra, já que ambos não têm videogame e nem televisão. O que sobra são as gírias e os palavrões, pois esses elementos se tornam mais acessíveis devido à violência do cotidiano nas periferias. Nota-se que, em nenhum momento, o rapper faz julgamentos sobre essas atitudes. Ele apenas evidencia que as ações das pessoas são condicionadas ao meio em que estão inseridas.

Destarte, Mano Brown destaca o quanto é difícil ter um lazer de qualidade nas periferias paulistas na década de 1990, devido à falta de infraestrutura, como cinemas, sorveterias e clubes, e pela ausência de políticas públicas propostas por lei. No entanto, ele faz um contraponto, destacando como é fácil se destruir, já que o acesso ao alcoolismo, às drogas e à cocaína é muito mais facilitado. É importante ressaltar que *Raio-X do Brasil* muda totalmente a visão e a vida dos Racionais MC’s. Um grande exemplo disso é o próprio Mano Brown, pois antes do terceiro álbum do grupo, seu apelido era apenas “Brown”. Contudo, adotaram o nome “Mano Brown” devido à voz que ele deu às periferias.

A presente monografia aborda o papel do rap brasileiro, com especial enfoque no grupo Racionais MC’s, como instrumento de crítica, denúncia e resistência social. Originado nas periferias estadunidenses e rapidamente adaptado à realidade brasileira, o rap emergiu como uma forma de expressão cultural e política que dá voz às populações marginalizadas, denunciando desigualdades e desafios sociais.

No Brasil, o grupo Racionais MC's consolidou-se como um dos mais relevantes nesse cenário, representando as vivências da periferia e trazendo à tona questões como o racismo, a violência e a exclusão social. Este trabalho analisa a trajetória do grupo e as composições que marcaram o rap nacional, refletindo sobre como suas músicas se transformaram em ferramentas de conscientização e resistência, conectando-se profundamente com as comunidades das periferias urbanas.

O objetivo desta pesquisa é compreender a importância do rap como um movimento social e político, e analisar como as construções do Racionais MC’s, por meio de suas músicas, tratam de crítica, denúncia e resistência.

O presente trabalho será ramificado em três partes.

No primeiro capítulo irei discorrer sobre o surgimento do Rap no mundo e suas devidas origens, referenciando-se figuras seminais para a composição do movimento Hip Hop estadunidense, e sua disseminação pelo mundo.

No segundo capítulo irei discorrer sobre o surgimento do Rap no Brasil e suas principais figuras para o fortalecimento do Rap brasileiro, e como a utilização do uso politizado mudou o cenário do Rap, andando enfoque nas composições do Grupo Racionais MC´s.

No terceiro capítulo irei discorrer sobre a análise das obras e músicas dos Racionais Mc´s irei trabalhar sobre os 4 primeiros álbuns “Holocausto Urbano” (1990), “Escolha seu caminho” (1992), “Raio-x Brasil” (1993) foi “Sobrevivendo no Inferno” (1997) e analisar as composições “Pânico na Zona Sul”, “Negro Limitado”, “Fim de semana no parque”, “Homem na estrada”, “Capítulo 4, Versículo 3”, “Diário de um detento” e “Qual mentira eu vou acreditar”.

CAPÍTULO 1

A ORIGEM DO HIP HOP NO MUNDO.

Neste capítulo, buscaremos, inicialmente, abordar a perspectiva do surgimento do rap, que está inserido em um movimento maior chamado “hip-hop”.

O rap surgiu nas periferias da Jamaica, na década de 1960, quando aparelhos de som eram colocados nas ruas para animar os guetos jamaicanos, com a presença de DJs que batalhavam e rimavam. O autor Ricardo Teperman apresenta duas noções sobre a originalidade do rap. A primeira delas é descrita por Teperman (2015, p. 236), que examina::

1) o significado da palavra “rap” enquanto sigla para (*rhythm and poetry*) ritmo e poesia, 2) o distrito nova-iorquino do Bronx como local de surgimento do gênero musical. Sobre a primeira, recorda que o uso da palavra “rap” há tempos presentes nos dicionários de inglês, remonta ao século XIV. Referindo-se a algo como “bater” ou “Crítica”, antes mesmo da eclosão da música rap o termo já aparecia nos contextos de jogos e improviso e insulto verbal, prática corriqueira entre negros de algumas cidades dos Estados Unidos.

Outra noção apresentada pelo autor refere-se às ondas migratórias que ocorreram ao longo das grandes diásporas enfrentadas pelo povo negro. Se realizarmos uma pesquisa sobre o surgimento do rap, muitas pessoas, inclusive os próprios MCs, afirmarão que sua origem está no bairro nova-iorquino do Bronx. É nesse contexto que se encaixa a segunda ideia de Ricardo Teperman (2015, p. 256). Segundo ele, a origem do rap remonta:

Em primeiro lugar, a vinda de centenas de milhares de africanos, das mais diferentes origens, para alimentar o maquinário insaciável dos regimes escravocratas nas Américas. (...) Uma segunda onda migratória, após o final da Segunda Guerra Mundial, levou largos contingentes de homens e mulheres pobres de ilhas caribenhas como Jamaica, Porto Rico e Cuba para os Estados Unidos, em busca de melhores condições de trabalho. Esses imigrantes tenderam a se estabelecer nas periferias das grandes cidades, onde o custo de vida era relativamente baixo e as ofertas de emprego estavam próximas.

O maior exemplo disso é DJ Kool Herc, apelido para Clive Campbell conhecido por muitos como o “Pai do Hip Hop[[1]](#footnote-2)” o próprio DJ Afrika Bambaataa o reconhece assim, um DJ jamaicano nascido em 16 de abril de 1955 na Jamaica.

Homem em pé em frente a televisão

Descrição gerada automaticamente com confiança média

**Figura 1 - DJ Kool Herc**

Fonte: KOOL HERC, Clive. DJ Kool Herc em ação no Bronx, década de 70. *História do Hip-Hop*. Disponível em: [www.historiadohiphop.com](http://www.historiadohiphop.com/). Acesso em: 17 out. 2024.

A jornada do DJ Kool Herc começa em Kingston, capital da Jamaica, onde viveu toda a sua infância. Cresceu ouvindo os sons das festas e a coleção de discos de seu pai. Aos 12 anos de idade, em 1967, juntamente com sua família — seus pais e seus cinco irmãos — e influenciados pelo "American Way of Life", desembarcaram em Nova Iorque, mais especificamente no Bronx, um bairro pobre das periferias americanas, buscando melhoria de vida e melhores oportunidades financeiras, um motivo muito comum entre os imigrantes da época.

É importante ressaltar que o Bronx, um subúrbio negro e latino em Nova Iorque, ficou bastante marcado pela violência, racismo, tráfico de drogas, carência de infraestrutura e educação, entre outros problemas que podem ser atribuídos à baixa qualidade de vida. Os jovens viam nas ruas sua única opção de lazer e frequentemente se engajavam em grupos de gangues, que se enfrentavam violentamente na disputa por território. Essas gangues atuavam como um sistema opressivo dentro das próprias comunidades periféricas, e tanto os membros de cada gangue quanto aqueles que estavam de fora conheciam bem os limites e as normas estabelecidas, que precisavam ser seguidos à risca.

É nesse contexto que surge a importante figura do ainda garoto Clive Campbell, em 1973, com seus 18 anos, nosso "DJ Kool Herc", que começou a organizar festas junto com sua irmã Cindy no conjunto de apartamentos onde moravam. No início de suas festas de rua, Kool Herc se destacou por sua técnica revolucionária, conhecida como "breakbeat", que envolve a repetição e a extensão dos trechos instrumentais de músicas, principalmente do funk e do soul, gerando uma batida contínua que animava os dançarinos.

Durante esses eventos, Herc utilizava dois toca-discos para alternar entre os discos, permitindo que ele repetisse os "breaks" — partes instrumentais particularmente propícias para a dança. Essa abordagem não apenas transformou a maneira como a música era apresentada, mas também fundou as bases do que se tornaria o rap, onde os MCs (mestres de cerimônia) começaram a rimar sobre essas batidas. Além de suas inovações no aspecto musical, Kool Herc teve um papel crucial na construção da identidade do hip-hop, promovendo um ambiente comunitário e de expressão cultural entre os jovens do Bronx. Frequentemente reconhecido como um dos pilares do hip-hop, sua influência perdura através das gerações, moldando tanto o som quanto a estética do rap.

1.1 DJ AFRIKA BAMBAATAA E O MOVIMENTO HIP HOP.

Kevin Donovan, mais conhecido pelo seu nome artístico "DJ Afrika Bambaataa", nasceu em 17 de abril de 1957, no Bronx, em Nova Iorque. Filho de pai jamaicano e mãe afro-americana, Bambaataa cresceu no Bronx, considerado por muitos um dos patronos do movimento hip-hop nas periferias do Bronx e, futuramente, do mundo. Durante sua juventude, fez parte de uma das gangues mais temidas do Bronx, chamada "Black Spades", ou "Espadas Negras" em tradução literal. No entanto, futuramente se afastou dessa vida e se dedicou à música, iniciando sua carreira como DJ no final dos anos 70.

Afrika Bambaataa é amplamente aclamado por suas inovações no mundo da música, especialmente pela aplicação de samples e pela combinação de diversos estilos, como funk, soul e disco, em suas produções. Seu tema mais emblemático, "Planet Rock", lançado em 1982, exemplifica sua habilidade em mesclar elementos eletrônicos com o hip-hop, contribuindo significativamente para a definição do som desse gênero.

Fora do âmbito musical, Bambaataa é reconhecido por sua atuação na difusão de mensagens de empoderamento e resistência, particularmente nas comunidades afro-americanas. Ele se firmou como uma voz proeminente na luta contra a violência e a opressão, utilizando sua influência para discutir importantes questões sociais e políticas.

Homem falando no microfone

Descrição gerada automaticamente com confiança baixa

**Figura 2- DJ Afrika Bambaataa**

Fonte:https://www.gettyimages.com.br/detail/foto-jornalística/the-godfather-of-hiphop-afrika-bambaataa-kneeling-foto-jornalística/84867272?adppopup=true

O termo "Hip Hop", que em sua tradução significa "movimentar os quadris", foi criado por Bambaataa para dar nome aos encontros de jovens dançarinos de break, DJs (disc-jóqueis) e MCs (mestres de cerimônias) nas festas de rua nas periferias da cidade de Nova Iorque. Bambaataa reconheceu que a dança poderia servir como uma maneira pacífica e eficaz de manifestar sentimentos de revolta e exclusão, ajudando a reduzir as disputas entre gangues na comunidade e, por consequência, a violência predominante. Desde seu início, essa manifestação cultural carregava um caráter político, com a intenção de promover a conscientização coletiva. O impacto dessa expressão se espalhou pelo mundo e, atualmente, no Brasil, ela representa uma cultura das periferias urbanas, abarcando diversas manifestações artísticas de caráter contestador.

Como prática que hibrida − desde a sua gênese nos guetos estadunidenses − características das culturas caribenha, africana e norte-americana, o rap é parte de um movimento urbano que articula variados campos de produção artística, envolvendo também a prática do DJ, do MC, a dança break e o grafite. Dessa maneira, o movimento hip-hop pode ser definido como uma cultura das ruas que contempla diversas formas de expressão − música, poesia, artes visuais e dança –, conseguindo comunicar-se por meio de diferentes manifestações que se encontram imbricadas e comungam de uma mesma ideologia (MAGALHÃES, 2016, p. 94-95).

Na sua dissertação intitulada "Movimento Negro Juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo" (1996), a educadora Elaine Nunes de Andrade caracteriza o hip hop como um movimento social que abrange uma certa forma de organização política, cultural e social entre os jovens negros. Andrade detalha, ao longo de aproximadamente cem páginas, as razões que a levaram a optar pela palavra "movimento" como a definição conceitual mais adequada para compreender o hip hop. Para a autora, esse conceito possibilita uma análise mais completa das ações sociais envolvidas. A maioria dos estudiosos que investigam o tema adota uma definição semelhante. Este movimento social teria como motor uma ideologia (ou, ao menos, alguns princípios ideológicos) que promove a autovalorização da juventude de origem negra, realizando uma recusa consciente de estigmas vinculados a essa juventude, que vive em uma condição de exclusão econômica, educacional e racial. Sua principal estratégia seria a disseminação de suas ideias.

Atividades culturais e artísticas podem levar os jovens a refletirem sobre sua realidade e a buscar formas de transformá-la. Embora a atuação de diversos grupos ligados às várias vertentes do hip hop apresente características de organização, como defendido por Elaine de Andrade, e se alinhe com a proposta de combate às drogas e à violência, é crucial lembrar que, em sua essência, o hip hop é uma expressão cultural diversificada. Ele abrange um estilo musical, conhecido como rap; uma forma de performance musical que une um DJ e um MC em shows e bailes; uma dança chamada break; e uma forma de arte visual, que é o grafite. Além disso, o hip hop é frequentemente entendido como uma cultura de rua, conceito amplamente adotado pelos próprios praticantes. Embora os hip hoppers também reconheçam a ideia de ser um movimento social, quando questionados sobre "o que é o hip hop", a definição mais comum que emerge é a de "uma cultura de rua composta por quatro elementos artísticos: o break, o rap, o grafite, os DJs e os MCs."

Como citado anteriormente, Afrika Bambaataa foi o criador do movimento hip hop. No entanto, esse movimento foi ramificado em 4 elementos fundamentais para a sua criação, que são: "DJs, MCs, Breakdance e o Grafite". Discorremos então sobre cada um desses elementos:

**O primeiro elemento:** DJs (Disc Jockeys) — A arte de manipular discos e criar músicas usando toca-discos e mixers. Os DJs são responsáveis por criar as batidas e os sons das festas, utilizando técnicas como scratching (técnica musical que consiste em arranhar o disco com a agulha ou um controlador). Ele é responsável pelo “beat”, a batida que define o ritmo e a velocidade das palavras para os MCs rimarem.

**O segundo elemento: MCs (Mestres de Cerimônia) —** O MC é o rapper que rima e performa as letras. Ele utiliza a lírica para transmitir mensagens e contar histórias. O MC é o principal responsável pela poesia que, juntamente com a batida imposta pelos DJs, cria o rap (Ritmo e Poesia).

**O terceiro elemento:** Breakdance ou B-Boying — A dança associada ao hip-hop, que se desenvolveu nas festas de rua. É uma forma de expressão corporal usada para manifestar as indignações enfrentadas pelos negros e a luta contra a violência.

**O quarto elemento**: O Grafite — O grafite é uma arte visual do hip-hop, uma expressão plástica composta por desenhos e mensagens feitas com spray de tinta. Essa forma de arte se tornou uma maneira dos jovens se expressarem e reivindicarem seu espaço público, transmitindo mensagens de identidade e resistência de forma criativa.

**O quinto elemento**: Por último, porém não menos importante, Afrika Bambaataa sentiu que faltava algo para o movimento ganhar proporção e não ser apenas mais um produto das grandes indústrias musicais. Ele abordou o conhecimento como o "quinto elemento do hip-hop". O conhecimento, identificado como o quinto elemento, ressalta a relevância das letras e das mensagens sociais presentes nas canções de rap, que frequentemente discutem questões como desigualdade, racismo, violência e a busca pela identidade negra. Desde o início da década de 1980, diversos rappers passaram a integrar esses temas em suas composições, o que ajudou a politizar o gênero. Exemplos notáveis são a música "The Message", de Grandmaster Flash, e o trabalho do grupo Public Enemy, que se estabeleceu como um ícone de resistência e crítica social. Dessa forma, o "quinto elemento" não se restringe a ser um mero acréscimo à cultura hip-hop; trata-se, na verdade, de uma parte essencial que enfatiza que o rap é uma forma de arte comprometida, capaz de incitar reflexão e promover transformações sociais.

Todos esses elementos compõem o movimento hip-hop que conhecemos hoje. Porém, com o passar do tempo e o crescimento do movimento, outros elementos começaram a surgir e ser abraçados, como o **beatboxing** e o estilo de roupa.

Com tudo o que foi apresentado, percebemos que o DJ Afrika Bambaataa foi uma figura seminal para a criação do hip-hop. Além da organização de festas, as famosas "block parties" (festas de quarteirão), da estruturação do movimento para além das indústrias musicais, e do afastamento dos jovens dos subúrbios do Bronx da violência das gangues que ocorria na época, Bambaataa também foi o criador da **Zulu Nation**.

A **Zulu Nation**, criada em 12 de novembro de 1973, é uma organização comunitária que tinha como objetivo oferecer aos jovens nova-iorquinos um lugar para praticar e “curtir” o movimento. Lá se encontravam adolescentes inspirados pela cultura do hip-hop: jovens MCs, DJs, dançarinos de breakdance. A Zulu Nation era um refúgio e uma fuga da realidade racista e violenta, além das grandes repressões policiais enfrentadas por esses jovens. Reconhecida como uma das primeiras iniciativas a congregar a cultura hip-hop em torno dos princípios de paz, unidade e conhecimento, a Zulu Nation foi fundada por Bambaataa, um dos precursores do hip-hop, como uma forma de combater a violência entre gangues. Ele promoveu uma competição saudável através dos "quatro elementos" do hip-hop: DJing, MCing (rap), breakdance e grafite.

Além disso, a Zulu Nation introduziu o conceito do "quinto elemento": o conhecimento, ressaltando a relevância da conscientização social e política no contexto do hip-hop. Essa organização tinha como objetivo valorizar a identidade negra e a cultura afro-americana, espelhando as batalhas sociais e raciais que essas comunidades enfrentam.

A Zulu Nation se estabeleceu como um exemplo para outros coletivos e grupos de hip-hop, não apenas nos Estados Unidos, mas também em diversos países, incluindo o Brasil, onde influenciou a criação de associações que promovem a cultura hip-hop e a defesa dos direitos sociais. Até hoje, a organização permanece como um ícone de resistência e empoderamento para a cultura do hip-hop.

1.2 Como o Hip Hop vira movimento de denúncia e resistência no EUA, e como se deu sua disseminação pelo mundo.

A princípio, o hip-hop surge como um movimento para apaziguar a violência e como uma forma de jocosidade, que poderia acabar sendo consumida pelas grandes indústrias fonográficas. Porém, com o passar do tempo e com grandes figuras já citadas anteriormente, como o DJ Afrika Bambaataa, juntamente com sua organização, a Zulu Nation, e o DJ Kool Herc, o rap tornou-se mais do que um entretenimento para os jovens das periferias do Bronx, passando a ser um movimento de constatação da realidade socioeconômica desses jovens. Para várias pessoas que habitam regiões carentes, engajar-se em grupos ligados à cultura hip-hop, dominar a arte da rima, da dança e do grafite representa uma maneira de desafiar a norma da periferia, que frequentemente empurra muitos jovens para o universo criminal, especialmente devido à ausência de oportunidades nessas áreas.

[...] o Hip Hop assume também características de um movimento de resistência, de afirmação, não só de etnia, mas também de cidadania e, mais, dissemina-se entre os jovens, a parcela da população que mais é atraída pelo mercado oficial de bens de consumo, ou pelo mercado oficioso das drogas e da violência. (GOULART; DORNELES; REINEHR, 2010, p. 3

A partir dos anos 80, grandes rappers americanos, como Grandmaster Flash e o grupo Public Enemy, começaram a compor letras que incorporavam temas diretamente relacionados às dificuldades enfrentadas pelas comunidades negras, abordando questões como pobreza, brutalidade policial e racismo. A canção "The Message", de Grandmaster Flash, serve como um exemplo marcante, ilustrando as condições de vida desfavoráveis nas áreas urbanas. Public Enemy, com seu icônico álbum It Takes a Nation of Millions to Hold Us Back, ampliou ainda mais essa crítica social, consolidando-se como um símbolo de resistência cultural.

O rap, por sua vez, transformou-se em uma forma de luta contra a marginalização e a estigmatização das comunidades negras. Os rappers frequentemente utilizavam suas letras para contestar narrativas predominantes e expressar suas vivências, criando um espaço para a autoafirmação e a busca por direitos. Essa função de resistência foi fortalecida por movimentos sociais mais amplos, como o movimento pelos direitos civis e, posteriormente, por iniciativas como o Black Lives Matter.

Dessa maneira, o rap transformou-se de uma mera forma de diversão em um forte movimento de resistência e protesto, espelhando e reagindo às condições sociais e políticas enfrentadas pelas comunidades afro-americanas nos Estados Unidos.

A disseminação do rap ao redor do globo é um fenômeno complexo que surge de uma mistura de fatores culturais, sociais e tecnológicos. Com suas raízes nas comunidades afro-americanas do Bronx, em Nova York, durante os anos 1970, o rap rapidamente se tornou uma forma de expressão universal, espelhando as realidades sociais e políticas de várias culturas. Este gênero musical é uma expressão cultural que emergiu nas festas de rua, especialmente em áreas carentes e majoritariamente negras. Essa origem, tanto social quanto racial, é uma característica marcante que persiste, permitindo que o rap se conecte a questões de identidade, desigualdade e resistência em contextos variados. Além disso, o rap apresenta uma grande capacidade de adaptação, possibilitando que artistas locais integrem suas próprias culturas, idiomas e vivências. No Brasil, por exemplo, o rap evoluiu e conquistou uma identidade singular, tratando de questões sociais específicas, como desigualdade racial e violência urbana.

O rap muitas vezes se integra a movimentos sociais e políticos, atuando como um veículo de resistência e conscientização. Em diversas nações, os rappers se tornam as vozes de suas comunidades, abordando questões como racismo, pobreza e direitos humanos, consolidando assim o rap como um movimento cultural de relevância. A promoção de eventos e festivais de hip-hop, incluindo batalhas de rap e apresentações de break, também auxilia na popularização do gênero. Essas iniciativas não só celebram a cultura hip-hop, mas também oferecem oportunidades para novos talentos se apresentarem e se conectarem com o público.

Em síntese, a expansão do rap globalmente é um fenômeno dinâmico que abrange a interação entre cultura, tecnologia, adaptações locais e envolvimento social. Essa habilidade de se renovar e dialogar com diversas realidades sociais assegura que o rap permaneça uma forma vibrante de expressão cultural e resistência ao redor do mundo. Exemplo disso é o rap no Brasil, que luta contra o racismo, a desigualdade social e problemas relacionados às perseguições policiais; na França, aborda questões sociais e políticas relacionadas ao país; e em países da América Latina, como Chile, México e Argentina, o rap surge como forma de contestação da pobreza, corrupção e violência.

Ou seja, o caráter multifacetado do rap fez com que ele se disseminasse e criasse raízes em vários cantos do continente, seja na Europa, nas Américas ou no continente africano.

CAPÍTULO 2.

ORIGEM DO RAP NO BRASIL.

Devido à grande disseminação do rap nos Estados Unidos, vários outros países foram influenciados pela eminência do rap estadunidense, e no contexto brasileiro não foi muito diferente. É importante ressaltar que o rap chegou ao Brasil em meados da década de 1980, mais especificamente em São Paulo, época na qual o Brasil passava por um processo de reestruturação política, tendo em vista o fim da ditadura civil-militar, que perdurou de 1964 a 1985.

O rap em São Paulo teve suas origens na década de 1980, sendo moldado por diversos aspectos sociais, culturais e históricos. O gênero começou a se consolidar nas festas de rua e nos bailes black, que faziam sucesso nas áreas periféricas da cidade. Esses eventos, que combinavam música disco, funk e soul, funcionaram como um ambiente de conexão e expressão para os jovens, particularmente aqueles das comunidades menos favorecidas.

A influência do hip-hop americano, especialmente a proveniente do Bronx, foi crucial para o desenvolvimento do rap na capital paulista. Filmes como *Wild Style* e *A Loucura do Ritmo* foram importantes para difundir a cultura hip-hop, englobando também o breakdance e o grafite, entre os jovens da cidade. A estação de metrô São Bento se transformou em um ponto de encontro essencial para b-boys e MCs, onde competições de dança e rimas eram realizadas com frequência.

O b-boy Nelson Gonçalves Campos Filho, mais conhecido como Nelson Triunfo, foi uma figura seminal na difusão do movimento no Brasil, sendo considerado por muitos o "Pai do Hip-Hop brasileiro". Um breve relato de Nelson Triunfo sobre o surgimento do rap no Brasil

Na maioria das vezes, ficávamos ali nos arredores das ruas 24 de maio, Barão de Itapetininga e Dom José de Barros, ali na Praça da República. As vezes dançávamos na Sé (...). A roda de break nas ruas cresceu e logo apareceu na mídia, em jornais e revistas. Ainda em 1984, essa repercussão levou a gente para a televisão, quando eu e outros b.boys participamos da abertura da novela Partido Alto, misturando movimentos de break com passos de samba". Em 1985, tive um problema de saúde, machuquei o joelho e tive que me afastar um pouco da dança. Foi quando o João Break e o Luizinho, irmão dele, levaram o break para a estação São Bento do metrô. E ali se formou o embrião do hip-hop brasileiro, porque o espaço começou a se popularizar e atrair muita gente que hoje é referência nacional, como os Racionais, o Thaide, o DJ Hum, os grafiteiros Osgemeos, o Marcelinho Back Spin e muitas outras pessoas (Nelson Triunfo, entrevista concedida a Alessandro Buzo. BUZO, 2010: 26).

 Nelson Triunfo se destacou por seu talento e carisma, conquistando a atenção de jovens que se reuniam em festas de rua e bailes black. Ele foi um dos fundadores da Zulu Nation Brasil, um movimento dedicado à promoção da cultura hip-hop e à luta contra a violência entre gangues, inspirado na Zulu Nation original criada por Afrika Bambaataa nos Estados Unidos. Além de sua atuação como dançarino, Triunfo é lembrado por sua influência na formação da cena do rap brasileiro, contribuindo para a construção de importantes conexões dentro do movimento — a dança, a música e a expressão cultural das comunidades que vivem à margem da sociedade. Sua trajetória exemplifica a combinação entre arte, identidade e resistência social, que são elementos fundamentais do movimento hip-hop no Brasil.

A cultura hip-hop, que abrange o rap, o breakdance, o grafite e o DJing, começou a se disseminar pelo Brasil, principalmente nas metrópoles, onde as desigualdades sociais e a marginalização eram bastante evidentes, como em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador.

Em São Paulo, a cena do rap ganhou força através de eventos culturais, festas e batalhas de freestyle, que possibilitaram a troca de experiências e a construção de uma identidade coletiva entre os jovens das comunidades periféricas. Dessa maneira, o rap tornou-se uma forma de resistência e um canal de expressão artística, que espelhava as lutas e as vivências da população marginalizada da cidade.

O gênero foi se firmando como um meio de resistência e manifestação cultural, abordando temas como classe, raça e desigualdade social. Nesse cenário, o grupo Racionais MC's, criado em 1988, destacou-se ao trazer letras que retratavam a realidade da população negra e das periferias. A partir da década de 1990, o rap começou a se expandir, dando origem a diversas "posses" e coletivos que fortaleceram a cena local. A chegada da internet e das novas tecnologias nos anos 2000 propiciou um aumento na produção e na disseminação do rap, revelando uma diversidade de estilos e subgêneros, como o rap gospel, o rap ostentação e o trap. Dessa forma, o hip-hop no Brasil não se consolidou apenas como um gênero musical, mas também como um movimento social e cultural que desafia e reflete as realidades da vida urbana e das lutas sociais, tornando-se uma voz significativa para comunidades marginalizadas.

O rap nacional nasceu como uma influência do hip-hop nos Estados Unidos, e por conta dessa proximidade, podemos dizer que o rap nacional sofre a alegação de ser uma cópia do hip-hop estadunidense. No Brasil, o rap nacional frequentemente é acusado de ser uma mera reprodução do hip-hop dos Estados Unidos. Essa crítica se fundamenta na ideia de que o rap brasileiro apenas imita o estilo e os temas originários americanos. Contudo, essa visão é considerada limitada e superficial, pois desconsidera as especificidades culturais, sociais e históricas que influenciaram o rap no país. Desde seu início, o rap brasileiro construiu uma identidade única, que reflete as realidades e lutas das comunidades locais.

Embora tenha recebido influências do hip-hop, especialmente em suas primeiras expressões, o rap no Brasil incorporou elementos da cultura nacional, como ritmos locais e questões sociais pertinentes, como a desigualdade racial e a violência nas cidades. Artistas como Racionais MC's, que surgiram na década de 1990, trouxeram letras que tratavam diretamente da realidade das periferias urbanas, utilizando o rap como um meio de resistência e denúncia. Essa perspectiva crítica e comprometida foi fundamental para consolidar o rap como um autêntico movimento cultural, que transcende a simples repetição de fórmulas.

Ademais, a conexão do rap com a cultura de rua e as lutas sociais no Brasil é um aspecto que o diferencia do hip-hop dos Estados Unidos. O rap brasileiro evoluiu para um espaço onde diversas vozes podem se manifestar, incluindo mulheres, indígenas e pessoas LGBTQIA+, enriquecendo ainda mais sua diversidade e importância social.

Destarte, apesar de suas origens no hip-hop, o rap nacional não deve ser encarado apenas como uma imitação, mas como uma rica e complexa expressão cultural que se relaciona com as particularidades do contexto brasileiro. Essa dinâmica de apropriação e inovação é comum em várias tradições culturais, nas quais influências externas são ajustadas e transformadas em algo novo e relevante.

Grupo de pessoas posando para foto

Descrição gerada automaticamente2.1. “Os quatro Pretos Mais Perigosos do Brasil” (Racionais MC’s**)**

**Figura 3-Racionais MC´s**

Fonte: GOMES, A. Uma máquina de guerra. **Jacobin Brasil**, 8 dez. 2021. Imagem. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2021/12/uma-maquina-de-guerra/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

O grupo Racionais MC's é conhecido como os quatro pretos mais perigosos do Brasil. Formado em 1988, o grupo é composto por Mano Brown (Pedro Paulo Soares Pereira), Ice Blue (Paulo Eduardo Salvador), Edi Rock (Edivaldo Pereira Alves) e DJ KL Jay (Kleber Geraldo Lelis Simões). Brown e Ice Blue são amigos de infância, vindos do Capão Redondo, uma periferia da zona sul de São Paulo, enquanto Edi Rock e KL Jay são da zona norte da capital paulista. Com a chegada do hip-hop no Brasil, Brown e Ice Blue, que frequentavam as festas e encontros que aconteciam na estação de metrô São Bento em São Paulo, acabaram criando uma dupla de b-boys (Black Bad Boys), como afirmado pelo próprio Mano Brown. Brown demonstrava grande apreço pelos seus futuros parceiros da zona norte de São Paulo, Edi Rock e KL Jay, que eram os DJs mais cultos e completos da cena.

A proposta de unir as duas duplas foi idealizada pelo produtor cultural Milton Sales, que teve um papel crucial na politização do discurso do grupo. O nome "Racionais MC's" surgiu a partir do álbum *Racional* de Tim Maia, relato do próprio integrante Edi Rock. O álbum *Tim Maia Racional* foi lançado em 1975, o que demonstra uma ligação profunda com a cultura negra e a luta por direitos.

Desde o seu surgimento, os Racionais MC's se destacaram por suas letras que discutem problemas sociais, raciais e de classe, retratando a realidade das favelas e das periferias urbanas. O grupo rapidamente se consolidou como o principal ícone do rap brasileiro, principalmente por meio de suas músicas que expõem a violência, o racismo e a desigualdade social, criando um forte paradigma político que moldou tanto a produção quanto a recepção do rap no país.

O rap nacional utilizou o conhecimento e o uso mais politizado do rap, a crítica ao sistema, ao cotidiano, à opressão dos negros nas periferias e à crítica às políticas públicas. Um dos principais precursores para essa nova ideologia do rap nacional deslanchar foram os Racionais MC’s, Sabotagem, Facção Central, entre outros que poderiam ser listados. Eles foram precursores de uma nova ideologia, responsáveis pelo novo ser periférico. Segundo o sociólogo Tiaraju D’Andrea:

mais do que simplesmente representar o cotidiano periférico em crônicas poderosas, a obra dos Racionais ajudou a fundar uma nova subjetividade, criando condições para a emergência do que ele define como “sujeito periférico” o morador da periferia que assume sua condição, tem orgulho desse lugar e age politicamente a partir dele. O termo “Periferia” passaria a designar não apenas “pobreza e violência” – como até então ocorria no discurso oficial e acadêmico – mas também “cultura e potência” confortando a lógica genocida do Estado por meio da elaboração coletiva de outros modos de dizer (apud: RACIONAIS MC’s, 2018 p.23)

Ele mostra o quanto os Racionais MC’s foram importantes para a periferia, para limpar a visão de que a periferia é apenas um lugar violento e precário. As músicas do grupo foram para além do rap, como se fosse uma ideologia, uma missão, porque, como já dizia Sabotagem (nome artístico do rapper Mauro Matheus dos Santos), "O rap é compromisso”.

Esse “compromisso” pode ser percebido em um trecho de uma entrevista de Mano Brown para um jornal francês que atua no Brasil, *Le Monde Diplomatique Brasil*, a respeito da contribuição do Racionais para a conscientização e união das periferias.

Na música eu não fiz nada tudo que eu fiz e muito menos do que os caras que admiro fizeram eu sou um adolescente na música (...) tem muita coisa pra fazer que eu ainda não fiz e também não tinha condições eu fiz o que era necessário pra uma época era uma prioridade de todos lutar entendeu pela raça e tal pela quebrada era uma prioridade a bandeira era única não podia nem levar as discussão pra outras coisas pra não dividir a bandeira era essa periferia (...) Racionais uniu quebrada uniu bairros que não se conversavam que tinha guerra (...) essa conscientização aconteceu em todos os lugares nos becos nos bar (BROWN 2018, In LE MONDE diplomatique Brasil).

O grupo se manteve como voz coletiva da periferia, estabelecendo uma conversa entre seus iguais. Maria Rita Kehl (2018, p.24) aponta que os Racionais MC's “falam de igual para igual” com seus “manos”, mas contra o playboy e o Estado. O foco do grupo estava na unificação das periferias, na fraternização, promovendo a noção da periferia como uma nação.

Analisaremos o trecho extraído do “Manifesto da Antropofagia Periférica”, escrito por Sérgio Vaz (2008). Conforme o autor.

A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. (...). A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. (...). A periferia unida, (...) contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala. (...) Contra os carrascos e as vítimas do sistema. (...) A arte que liberta não pode vir da mão que escraviza” (VAZ, 2008, p. 247).

Sérgio Vaz nos apresenta a força da periferia, o senso de igualdade que ela busca, uma periferia resistente e protestante contra as injustiças sociais e a intolerância. A periferia que se une contra o racismo, que se une contra carrascos e a favor das vítimas de um sistema. Sérgio Vaz (2008) nos apresenta uma periferia consciente do seu poder e da sua força. Afinal, os rappers brasileiros das periferias, não apenas de São Paulo, onde nasceu o Racionais MC's, mas de todo o Brasil, chegaram a posições de destaque nacionais e internacionais, recusando as seduções da indústria musical e da mídia. Alguns até criam suas próprias produtoras, como é o caso do Emicida com a Laboratório Fantasma, produtora criada por ele e sua família para se manter firme na luta contra as seduções e a demanda do capitalismo. O rap, por mais que seja um gênero musical, vai além da música, tornando-se um movimento de resistência da negritude e da periferia, de contestação e da sobrevivência como uma cultura subalterna.

Segundo as autoras, Fernandes, Martins e Oliveira,

A fase poética do movimento *Hip Hop* está presente na formação discursiva dos jovens, especialmente entre os menos favorecidos, uma vez que as letras fazem do seu cotiado, constituindo-se em verdadeiras crônicas que narram situações vividas à comunidade, auxiliando-os a compreender melhor a sociedade em que estão inseridos, além de estremarem as experiencias linguísticas construídas nas situações comunicativas concretas. São ritmos, sons, batidas, rimas e poesias que contribuem para a formação e a ampliação do repertório linguístico dos jovens, por meio dos quais é possível interpretar o significado da escolha de cada palavra na composição de um verso e debater temas próximos da realidade de quem mora na periferia, mobilizando-os a se interessarem por outros textos (FERNANDES, MARTINS, OLIVEIRA, 2016, p. 188).

As autoras realizaram uma pesquisa com os jovens das séries finais do ensino fundamental II (7º, 8º e 9º). Planejaram 25 encontros, de aproximadamente uma hora e meia. No primeiro semestre, foram desenvolvidas atividades relativas à contextualização do hip-hop para contestação política, social e econômica. No segundo semestre, as oficinas tiveram um enfoque mais específico em torno das habilidades de escrita, para verificar nas composições musicais dos rappers apelos políticos mais fortes.

Através dessa pesquisa realizada pelas autoras, vemos a importância do rap dentro das escolas voltado para a educação, pois ele conscientiza os jovens sobre a sociedade na qual eles estão inseridos, ajudando na formação do sujeito crítico, promovendo, portanto, a consciência histórica, como fala Rüsen (2007).

Destarte, vimos então a importância dos Racionais MC's para a constituição do rap brasileiro, talvez como o grupo mais influente e importante até os dias de hoje, com quase 4 décadas de atuação no cenário. Entendemos que, através do grupo, houve o que chamamos de virada de chave no movimento, especialmente no contexto do surgimento do grupo na década de 90. O grupo traz consigo letras mais engajadas e profundas, com o intuito de mostrar e denunciar a realidade social das periferias paulistas.

2.2. Racionais MC´s: Obras

O grupo Racionais MC´s lançou um total de dez (11) trabalhar durante toda sua carreira, fora algumas composições individuais de Mano Brown e Edi rock até o presente momento. São eles. Segundo dados do Sociólogo Tiaraju D’Andrea em sua tese de doutoramento *A Formação dos Sujeitos periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo (2013).*

**Coletânea Consciência Black vol. 1 – 1988**

**Holocausto Urbano – 1990**

**Escolha seu caminho – 1992**

**Raio- X Brasil – 1993**

**Coletânea Racionais – 1994**

**Sobrevivendo no Inferno – 1997**

**Ao Vivo – 2001**

**Nada como um dia após o outro dia – 2002**

**Mil trutas, mil tretas – 2006**

**Tá na chuva – 2009.**

**Cores e Valores – 2014.**

Sendo referenciado todos os álbuns lançados pelo grupo, agora irei discorrer sobre todas as músicas compostas em cada disco, juntamente com seus anos de composição. O único álbum que Tiaraju D'Andrea não citou em sua tese de doutorado foi *Cores e Valores*, lançado em 2014, um ano após a publicação de sua pesquisa.

Coletânea Consciência Black vol. 1 – 1988 e composto por duas faixas que são elas:

“Pânico na zona sul” – 1988.

**“**Tempos difíceis” – 1988.

Agora já como produções independentes já como o grupo Racionais MC´s o grupo lança seu primeiro álbum em 1990 chamado Holocausto Urbano, depois do seu primeiro lançamento o grupo lançado mais oito álbuns que serão referenciados junto com suas faixas.

**Holocausto Urbano – 1990**

**Texto sobre foto de homem

Descrição gerada automaticamente**

**Figura 4- Capa Holocausto Urbano**

Fonte: WIKIPEDIA. *Holocausto Urbano*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Holocausto_Urbano>. Acesso em: 05 nov. 2024.

**Holocausto Urbano – 1990**

“Pânico na zona sul” – 1998

“Beco sem Saída” – 1990

“Hey Boy” – 1990

“Mulheres Vulgares” – 1990

“Racistas otários” – 1990

“Tempos difíceis” – 1988

**Escolha seu caminho – 1992**

Grupo de pessoas sentadas

Descrição gerada automaticamente com confiança média

**Figura 5- Capa Escolha Seu Caminho**

Fonte: WIKIPEDIA. *Escolha o seu Caminho*. [imagem] disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Escolha_o_seu_Caminho#/media/Ficheiro:Escolha_seu_Caminho.jpg>. Acesso em: 05 nov. 2024.

**Escolha seu caminho – 1992**

“Voz ativa” – 1992

“Voz Ativa” (baile mix) – 1992

“Negro Limitado a capela” – 1992

“Negro limitado” - 1992

É importante ressaltar que escolha seu caminho e o álbum mais curto dos Racionais MC´s, contendo apenas duas faixas. Apesar de ser um álbum Curto ele aborda a realidade das dificuldades enfrentadas pela periferia, consequências das suas escolhas e a sobrevivência em um contexto da exclusão social.

**Raio-x Brasil – 1993**

No começo, os Racionais MC's emergiram como um dos principais nomes do rap paulistano, utilizando suas letras para discutir temas sociais e retratar a vida nas periferias. Em 1992, lançaram o EP *Escolha Seu Caminho*, que trazia apenas duas músicas, mas foi com o álbum *Raio X do Brasil* (1993) que o grupo alcançou destaque, adotando uma nova atitude e um discurso mais crítico e reflexivo sobre a realidade das favelas.

Desenho de uma cidade

Descrição gerada automaticamente com confiança média

**Figura 6 - Capa Raio-X Brasil**

Fonte:PEQUENOS CLÁSSICOS PERDIDOS. Racionais MC's – Raio X do Brasil (1993). 23 jan. 2013. Disponível em: <https://pequenosclassicosperdidos.com.br/2013/01/23/racionais-mcs-raio-x-do-brasil-1993/>. Acesso em: 05 nov. 2024.

**Raio-x Brasil – 1993**

**“**Introdução” – 1993

“Fim de semana no parque” - 1993

“Parte II” – 1993

“Mano na Porta do Bar” – 1993

“Homem na estrada” – 1993

“Júri racional” – 1993

“Fio da Navalha” – 1993

“Salve” – 1993

**Coletânea Racionais – 1994**

Como o nome já diz, esse álbum ele não apresenta nenhuma faixa nova, somente os sucessos anteriores dos álbuns passados.

“Fim de semana no parque” – 1993

“Parte II” - 1993

“Mano na porta do bar” – 1993

“Homem na estrada” – 1993

“Júri racional” – 1993

“Voz ativa” – 1992

“Negro limitado” – 1992

“Pânico na zona sul” – 1988

“Hey Boy” – 1990

“Mulheres vulgares “– 1990

“Racistas otários” – 1990

“tempos difíceis” – 1988

**Sobrevivendo no Inferno – 1997**



**Figura 7- Capa Sobrevivendo No Inferno**

Fonte: WIKIPEDIA. *Sobrevivendo no Inferno*. 25 nov. 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sobrevivendo_no_Inferno>. Acesso em: 05 nov. 2024.

“Jorge da Capadócia” – 1997

“Gênesis” – 1997

“Capítulo 4, versículo 3” – 1977

“To ouvindo alguém me chamar” – 1997

“Rapaz comum” - 1997.

“(...)” – 1997

“Diário de um detento” - 1997

“Periferia e Periferia” – 1997

“Qual mentira vou acreditar” – 1997

“Mágico de Oz” – 1997

“Fórmula mágica da paz” – 1997.

“Salve” – 1997.

**Ao Vivo -2001**

"Brown (fala parte 1)" - 2001

" Abertura 2001

"Capítulo 4, versículo 3" – 1997

"Qual mentira vou acreditar - 1997

"Ice Blue (fala)" - 2001

"Lenta - 2001

"Tô ouvindo alguém me chamar – 1997

"Edi Rock (fala)" - 2001

"Mágico de Óz" - 1997

"KI Jay (fala)" - 2001

"Rapaz comum" – 1997

"Diário de um detento? – 1997

"Fórmula mágica da paz" – 1997

"Brown (fala parte 2)"- 2001

"Grand finale" - 2001

**Nada Como Um Dia Após o Outro Dia – 2002**

Desenho de uma pessoa

Descrição gerada automaticamente com confiança média

**Figura 8- Capa Nada Como Um Dia Após Outro Dia**

Fonte: **NADA COMO UM DIA APÓS O OUTRO DIA.** *Wikipedia: a enciclopédia livre*, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nada\_como\_um\_Dia\_após\_o\_Outro\_Dia. Acesso em: 08 nov. 2024.

“Sou mais você” – 2002

“Vivão e vivendo” – 2002

“VL Intro” – 2002

“VL Parte I” – 2002

“Negro Drama” – 2002

“A vítima” – 2002

“Na fé firmão” – 2002

“12 de outubro” – 2002

“Eu sou 157” – 2002

“A vida é um desafio” – 2002

“1 por amor, 2 por dinheiro” – 2002

“De volta à cena” – 2002

“Otus 500” – 2002

“Crime vai e vem” – 2002

“Jesus chorou” – 2002

“Fone” – 2002

“Estilo cachorro” – 2002

“Vida Loka parte II” – 2002

“Expresso da meia noite” – 2002

“Trutas e quebradas” – 2002

“Da ponte pra cá” – 2002

Pessoas com instrumentos musicais e microfone em local iluminado

Descrição gerada automaticamente com confiança baixa **Mil Trutas, Mil tretas – 2006**

**Figura 9 - Capa Mil Trutas, Mil Tretas**

Fonte: LETRAS.MUS.BR. *Racionais MC's - Discografia: 1000 Trutas, 1000 Tretas (2006)*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/discografia/1000-trutas-1000-tretas-2006/>. Acesso em: 08 nov. 2024.

“A benção mamãe, e a Benção papai” – 1985

“Fórmula Mágica da Paz” – 1997

“Negro Drama” – 2002

“To ouvindo alguém me chamar” – 1997

“Crime vai e vem” – 2002

“Da ponte pra Cá” 2002

“Expresso da Meia noite” – 2002

“Eu sou 157” – 2002

“Diário de um detento” – 1997

“A vida é um desafio” – 2002

“1 por amor, 2 por dinheiro” – 2002

“Vida Loka Parte 1” – 2002

“A Vítima” – 2002

“Jesus chorou” – 2002

“Vida Loka parte II” – 2002

**Tá na Chuva – 2009**

Interface gráfica do usuário, Site

Descrição gerada automaticamente com confiança média

**Figura 10 - Capa Ta Na Chuva**

Fonte: VAGALUME. *Racionais MC's - Discografia: Tá Na Chuva*. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/discografia/ta-na-chuva.html>. Acesso em: 08 nov. 2024.

"Tá na chuva" – 2009

"Mulher elétrica" – 2009

"Canto de oração e oyá"- 2009

"Eu sou 157 nova versão" – 2009

"Quem procura acha" – 2009

"O inimigo é de graça" – 2009

"O jogo é hoje" – 2009

 "Mãos" – 2009

**Cores e Valores – 2014**

**Homem com roupa laranja

Descrição gerada automaticamente com confiança média**

**Figura 11 - Capa Cores e Valores**

Fonte: RAPLOGIA. *Review: Um breve olhar sobre "Cores & Valores"*. Disponível em: <https://raplogia.com.br/review-um-breve-olhar-sobre-cores-valores/>. Acesso em: 08 nov. 2024.

“Cores e Valores” – 2014

“Somos o Que Somos” – 2014

“Cores e Valores/Preto e amarelo” – 2014

“Trilha” – 2014

“Eu te disse” – 2014.

“Preto Zica” – 2014

“Cores e Valores/Finado “Neguin”.” – 2014

“Eu compro” – 2014

“A escolha que eu fiz” – 2014

“A praça” – 2014

“O mau e o bem” – 2014

“Você me deve” – 2014

“Quanto vale o show” – 2014

“Coração Barrabaz” – 2014

“Eu te proponho” – 2014.

**Letras avulsas.**

“Depoimento do Guina” – 2009

“Mente de vilão” – 2009

“Sou pmz, sou Racionais” – 2009

“Eu sou Função” – 2009

“Homem gol” – 2010

“Homem invisível” – 2010

“Cores e Valores” – 2010

“República dos Lokos” – 2012

“Thats My Way” – 2012

“Mil faces de um homem legal – Marighella” – 2012.

Após referenciar todos os álbuns e composições avulsas dos Racionais MC's, percebemos que o grupo lançou aproximadamente 66 músicas ao longo de sua carreira até o momento. Compreendemos a importância do grupo para a periferia na construção do sujeito periférico, sua responsabilidade com a comunidade e o rap de crítica e denúncia, abordando questões como o racismo, a opressão da polícia militar do Estado de São Paulo e as severas críticas à sociedade, temas que são tratados desde a década de 1990 até os dias atuais.

Ainda sob a perspectiva de Tiaraju D'Andrea (2013), as músicas dos Racionais MC's abordam "narrativas de vida na periferia e suas descrições do cotidiano". O sociólogo aponta 16 letras que tratam desse tema. D'Andrea (2013) também destaca 7 letras que fazem "crítica à sociedade, às elites e aos boys". Além disso, o autor aponta 6 letras que tratam de "denúncias ao racismo e da consciência e afirmação da negritude".

Tendo em mãos esses dados fornecidos pelo sociólogo, proponho-me a analisar algumas músicas e letras do grupo Racionais MC's, a fim de evidenciar a constatação das temáticas de crítica, denúncia e resistência presentes nas suas composições.

3. ANÁLISE LITERÁRIA DAS COMPOSIÇÕES DOS RACIONAIS MC´s

Como já apresentado, a formação do grupo Racionais MC's e o rap no Brasil antecedem a década de 1990, período em que o país vivia o processo de redemocratização após o fim da Ditadura Militar (1964–1985). Nesse contexto, surgiram discussões intensas sobre desigualdade, opressão e racismo. Foi nesse cenário que o Racionais MC's surgiu com a coletânea *Consciência Black Vol. 1*, e com ela, a primeira música que me proponho a analisar: "Pânico na Zona Sul", lançada em 1988 e posteriormente relançada no álbum independente *Holocausto Urbano* (1990).

O álbum *Holocausto Urbano*, lançado em 1990 pelos Racionais MC's, é uma obra de grande relevância, que denuncia a violência policial e as péssimas condições de vida nas periferias de São Paulo. As letras do grupo expõem a brutalidade e a opressão enfrentadas pela população negra e empobrecida, refletindo sobre homicídios, abusos de poder e a desumanização nas relações entre a polícia e os moradores das favelas.

Na música "Pânico na Zona Sul" (1990), o grupo Racionais MC's aborda a violência, a opressão policial e a exclusão social com versos como:

Aqui é Racionais MC's, Ice Blue, Mano Brown, KL Jay e eu Edi Rock

E aí mano Brown, certo?

Certo não está né mano, e os inocentes quem os trará de volta?

É a nossa vida continua, e aí quem se importa?

A sociedade sempre fecha as portas mesmo

(..)

Então quando o dia escurece

Só quem é de lá sabe o que acontece

Ao que me parece prevalece a ignorância

E nós estamos sós

Ninguém quer ouvir a nossa voz

(...)

Justiceiros são chamados por eles mesmos

Matam humilham e dão tiros a esmo

E a polícia não demonstra sequer vontade

De resolver ou apurar a verdade

Pois simplesmente é conveniente

E por que ajudariam se eles os julgam delinquentes

E as ocorrências prosseguem sem problema nenhum

Continua-se o pânico na zona sul

*"Pânico na Zona Sul"* é uma canção marcante do grupo de rap Racionais MC's, lançada em 1988, quando o grupo ainda estava em ascensão. Nesse contexto, Edi Rock se preocupa em apresentar todos os membros, enfatizando a união do grupo. A música retrata a vida nas periferias de São Paulo, especialmente na Zona Sul, evidenciando a violência, a opressão e as desigualdades sociais que afetam seus habitantes. A letra capta a vivência de jovens negros e de comunidades marginalizadas, expondo a brutalidade policial e a marginalização enfrentada por essa população.

Percebe-se que Mano Brown utiliza o pronome “nós”, o que vai além de se referir apenas a ele ou Ice Blue; ele se conecta com toda a periferia, que compartilha dos mesmos anseios e da negligência da segurança pública local. A canção é um exemplo claro de narrativa periférica, onde os artistas se comunicam "de dentro" da realidade que conhecem, utilizando suas próprias experiências para criticar a sociedade e articular a luta por reconhecimento e dignidade.

*"Pânico na Zona Sul"* se tornou um hino de resistência, ressoando as frustrações e aspirações da população periférica. A música integra um movimento cultural mais amplo que amplifica as vozes dos marginalizados e desafia as estruturas de poder. Com a frase “eles vão cantar a realidade das ruas”, o grupo reforça o compromisso de expor a verdade sobre as dificuldades enfrentadas nas periferias.

A música também se insere em um panorama de transformação social e cultural nas periferias, onde o rap e outras expressões artísticas servem como instrumentos de politização e mobilização. Ela evidência as tensões entre o cotidiano da periferia e o desejo de mudança. Por meio de suas composições, os Racionais MC's e outros grupos da periferia contribuem para a formação de uma nova identidade, que celebra o orgulho de ser da periferia, ao mesmo tempo em que critica a desigualdade e a violência presentes nessas comunidades.

Logo após o lançamento de *Holocausto Urbano*, dois anos depois, os Racionais MC's lançaram o segundo álbum, composto por apenas duas faixas: *"Negro Limitado"* e *"Voz Ativa"*, que continuaram a seguir a linha crítica e reflexiva do grupo.

3.1 Trecho retirado da Música “Negro limitado”, segundo álbum do Racionais MC’s. Escolha seu caminho de 1992.

Então, vocês que fazem o rap aí, são cheios de ser

Professor, falar de drogas, polícia e tal, e aí mostra

Saída, mostra um caminho e tal, e aí ...?

Cultura, educação, livros e escola

(...)

Racionais declaram guerra.

Contra aqueles que querem ver os pretos na merda.

E os manos que nos ouvem irão entender.

Que a informação é uma grande arma.

Mais poderosa que qualquer PT carregada.

Roupas caras de etiqueta, não valem nada.

Se comparadas a uma mente articulada.

Contra os racistas otários é química perfeita

Inteligência, e um cruzado de direita.

Será temido, e também respeitado.

Um preto digno, e não um negro limitado.

A música *"Negro Limitado"* explora a temática da identidade negra e as restrições impostas pela sociedade, fazendo uma reflexão profunda sobre a realidade do negro no Brasil e os obstáculos que ele enfrenta. Na letra, os Racionais MC's criticam a apatia e a falta de mobilização de algumas pessoas da periferia que, mesmo cientes das dificuldades enfrentadas pela população negra, não se engajam na busca por mudanças em sua situação.

A canção destaca a relevância da educação e do conhecimento como instrumentos de empoderamento, o que nos remete ao conceito do “quinto elemento no rap”. O grupo sugere que a verdadeira liberdade e dignidade resultam da luta contra a opressão e da busca por uma realidade melhor. *"Negro Limitado"* também se conecta à temática do orgulho negro, um aspecto central na obra dos Racionais, que busca afirmar a identidade e a autoestima da população negra, em um contexto de marginalização e discriminação.

A música serve como uma convocação para refletir sobre a necessidade de ultrapassar as limitações impostas pela sociedade e valorizar a cultura e a história negra. Utilizando uma linguagem direta e impactante, a música se torna um poderoso instrumento de conscientização, motivando as pessoas a se identificarem e a reivindicarem seus direitos, ao mesmo tempo em que critica a indiferença frente às injustiças sociais.

Dessa forma, *"Negro Limitado"* faz parte de um contexto mais amplo de resistência e afirmação da identidade negra, que é uma característica fundamental na obra dos Racionais MC's e no rap brasileiro em geral.

3.2 Raio-x Brasil, análise das músicas “Fim de semana no parque” e “O Homem na Estrada”

A música *"Fim de Semana no Parque"* é uma das faixas mais emblemáticas do álbum *Raio-X do Brasil* (1993), marcando um momento de transição para os Racionais MC's, quando o grupo começa a ganhar projeção nacional. A canção se destaca por sua abordagem poética e realista, apresentando uma visão complexa da vida nas periferias de São Paulo. A letra, que descreve um dia de lazer em um parque, se contrapõe ao cenário de violência e desigualdade social vivido pelos jovens e pelas famílias nas comunidades periféricas.

Ao longo da música, os Racionais exploram a dualidade da vida na periferia: enquanto o parque representa um espaço de lazer e de "respiro" para a população periférica, ele também é marcado pela violência, pela vigilância constante e pelo medo. O contraste entre a tentativa de escapar para um momento de diversão e o retorno à dura realidade social serve como uma crítica à falta de alternativas reais para os moradores das favelas. A música se torna uma metáfora para a batalha cotidiana entre a busca por momentos de felicidade e as condições desafiadoras impostas pela exclusão social, violência policial e racismo.

A canção também ilustra a importância do espaço público como um reflexo das tensões sociais. Embora o parque possa ser visto como um local de lazer, ele também é um espaço de segregação, onde as diferenças sociais e raciais se tornam ainda mais evidentes. Nesse contexto, a letra de *"Fim de Semana no Parque"* revela como o lazer e os direitos mais básicos, como a segurança e a liberdade, são constantemente subvertidos para a população periférica.

Ao mesmo tempo, a música transmite um sentimento de resistência e força da comunidade, que, apesar das dificuldades, busca se afirmar e sobreviver no contexto adverso em que vive. A habilidade do grupo em narrar a realidade periférica com sensibilidade e profundidade contribui para a construção de uma identidade coletiva e uma maior visibilidade da periferia no cenário musical e cultural do Brasil.

*"Fim de Semana no Parque"* é, portanto, uma reflexão potente sobre as contradições da vida nas favelas, um retrato vívido das lutas diárias, mas também um tributo à capacidade de resistência e de celebração, apesar das dificuldades impostas pela marginalização social.

3.2.1 Trechos da música “Fim de semana no parque” – Racionais MC´s 1993.

À toda comunidade pobre da Zona Sul

(...)

Um, dois, três carros na calçada

Feliz e agitada toda prayboyzada

As garagens abertas eles lavam os carros

Desperdiçam a água, eles fazem a festa

Vários estilos vagabundos, motocicletas

Coroa rico boca aberta, isca predileta

(...)

Eles também gostariam de ter bicicletas

De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta

Gostam de ir ao parque e se divertir

E que alguém os ensinasse a dirigir

Mas eles só querem paz e mesmo assim é um sonho

Fim de semana no Parque Santo Antônio

(...)

Olha só aquele clube que da hora

Olha aquela quadra, olha aquele campo, olha

Olha quanta gente

Tem sorveteria, cinema, piscina quente

Olha quanto boy, olha quanta mina

Afoga essa vaca dentro da piscina

Tem corrida de kart dá pra ver

É igualzinho o que eu vi ontem na TV

Olha só aquele clube que da hora

Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora

Nem se lembra do dinheiro que tem que levar

Do seu pai bem louco gritando dentro do bar

Nem se lembra de ontem, de hoje e o futuro

Ele apenas sonha através do muro

Milhares de casas amontoadas

Ruas de terra esse é o morro, a minha área me espera

Gritaria na feira (vamos chegando)

Pode crer eu gosto disso mais calor humano

(...)

A número, número 1 em baixa renda da cidade

Comunidade zona sul é, dignidade

Tem um corpo no escadão, a tiazinha desce o morro

Polícia, a morte, polícia, socorro

Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo

Pra molecada frequentar, nenhum incentivo

O investimento no lazer é muito escasso

O centro comunitário é um fracasso

Mas aí, se quiser se destruir está no lugar certo

Tem bebida e cocaína sempre por perto

A cada esquina 100, 200 metros

Nem sempre é bom ser esperto

Percebemos que, desde o início, Brown faz uma dedicatória para quem ele quer conversar com essa letra: “A toda comunidade pobre da Zona Sul”. Fica mais do que claro para quem está escutando a música que Brown quer conversar com seus iguais da periferia, buscando evidenciar a desigualdade social, a marginalização e a falta de infraestrutura enfrentadas pelas comunidades das periferias de São Paulo na década de 1990.

A música critica a exclusão social e a marginalização que os moradores das periferias enfrentam, mostrando que o acesso a espaços de entretenimento é, muitas vezes, restrito. O parque, que deveria ser um lugar de diversão e descanso, se transforma em um ambiente carregado de tensão, com a presença policial e o espectro da violência sempre à espreita. Além disso, a canção *Fim de Semana no Parque* ressalta a união e a solidariedade entre os residentes, que tentam encontrar alegria e momentos de descontração no meio de um cotidiano repleto de desafios. Assim, a música se torna uma poderosa crítica às desigualdades sociais, ao mesmo tempo em que celebra a cultura e a resistência da população da periferia. De maneira concisa, a música critica a realidade das periferias, abordando questões como violência, exclusão social e a busca por dignidade e alegria em um cenário desafiador. As obras dos Racionais MC's, mais especificamente em *Fim de Semana no Parque*, são temas essenciais para ressignificar o conceito de "periferia", elevando-o a um símbolo de resistência e luta por reconhecimento.

No mesmo CD, *Raio-X do Brasil*, outra faixa bombou e tomou as paradas da rádio de São Paulo: a música *O Homem na Estrada*. A música tem como fundo o sample da canção *Ela Partiu* de Tim Maia. *O Homem na Estrada* traça a vida de um ex-detento em busca de sua reintegração na sociedade, além de retratar a brutalidade do sistema prisional do Brasil, e relata seus últimos dias de vida.

.

3.2.2 Trechos da Música “O homem na estrada” – Racionais MC´s 1993.

Um homem na estrada recomeça sua vida

Sua finalidade: A sua liberdade

Que foi perdida, subtraída

E quer provar a si mesmo que realmente mudou

Que se recuperou e quer viver em paz

Não olhar para trás, dizer ao crime: Nunca mais

Pois sua infância não foi um mar de rosas, não

Na FEBEM, lembranças dolorosas, então

(...)

Equilibrado num barranco, um cômodo mal acabado e sujo

Porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio

Um cheiro horrível de esgoto no quintal

Por cima ou por baixo, se chover será fatal

Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou

Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou

Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas

Logo depois esqueceram, filha da puta!

Acharam uma mina morta e estuprada

Deviam estar com muita raiva (mano, quanta paulada)

Estava irreconhecível, o rosto desfigurado

Deu meia noite e o corpo ainda estava lá

Coberto com lençol, ressecado pelo Sol, jogado

O IML estava só dez horas atrasado

Crianças, gatos, cachorros disputam palmo a palmo

Seu café da manhã na lateral da feira

Molecada sem futuro, eu já consigo ver

Só vão na escola pra comer, apenas nada mais

Como é que vão aprender sem incentivo de alguém

Sem orgulho e sem respeito, sem saúde e sem paz

(...)

Te chamarão para sempre de ex-presidiário

Não confio na polícia, raça do caralho!!!

Se eles me acham baleado na calçada

Chutam minha cara e cospem em mim

A faixa "Homem na Estrada", dos Racionais MC's, oferece uma narrativa impactante sobre a vida de um ex-presidiário e suas vivências no crime. A letra ilustra a jornada de um homem que, após cumprir pena, reflete sobre sua trajetória e as decisões que o levaram a essa condição. Essa canção investiga a marginalização, a violência e a desumanização que acometem aqueles que habitam as periferias. O protagonista compartilha suas experiências, revelando a dor e a luta pela sobrevivência em um ambiente adverso, onde a criminalidade frequentemente se apresenta como uma alternativa à escassez de oportunidades.

A música ressalta a desumanização e a violência do sistema prisional, além de criticar uma sociedade que marginaliza e estigmatiza as pessoas oriundas das periferias. O eu-lírico manifesta um sentimento de impotência e frustração diante das circunstâncias que cercam sua existência, evidenciando que a violência e o crime muitas vezes são vistos como as únicas formas de sobrevivência em um cenário de exclusão social. Ademais, "Homem na Estrada" aborda a temática da identidade e a luta por dignidade, demonstrando que, apesar dos obstáculos, existe uma busca por reconhecimento e uma crítica ao sistema que perpetua a desigualdade. Assim, a canção não apenas denuncia a realidade cruel das vidas nas periferias, mas também convida à reflexão sobre as condições sociais que conduzem à marginalização e à criminalização dos indivíduos.

3.3. Sobrevivendo no Inferno, Análise das Músicas “Capítulo 4, versículo 3”

“Diário de um detento” e “Em qual mentira vou acreditar”.

Lançado em 1997, *Sobrevivendo no Inferno* é uma obra fundamental dos Racionais MC's, que deixou uma marca indelével na música popular brasileira e na cultura hip-hop. O álbum explora questões sociais e raciais, além de retratar a violência, refletindo a dura realidade das comunidades periféricas de São Paulo. Com letras impactantes e poéticas, os Racionais MC's fazem uma crítica poderosa à desigualdade, à repressão policial e à marginalização da população negra.

O álbum é concebido como um "culto evangélico", incorporando alusões bíblicas e uma narrativa que pretende conduzir os ouvintes pelos desafios da vida nas favelas. Músicas como "Diário de um Detento" e "Capítulo 4, Versículo 3" compartilham histórias de vivências individuais e coletivas, tratando de assuntos como o massacre do Carandiru e a batalha pela sobrevivência em um sistema opressivo.

Um dos grandes marcos na trajetória dos Racionais MC's foi, sem dúvida, o álbum *Sobrevivendo no Inferno*, que chegou ao mercado em 1997 e se tornou uma das obras mais influentes da música popular brasileira. Com suas letras que abordam temas como violência, racismo e a vida nas comunidades periféricas, o disco alcançou a venda de aproximadamente 1,5 milhão de cópias, firmando o grupo como uma das principais vozes da cultura marginal e do hip-hop no Brasil. Através de seu trabalho, os Racionais não apenas se estabeleceram como ícones do rap, mas também contribuíram para a visibilidade e conscientização sobre as lutas enfrentadas pela população negra e das periferias do país.

*Sobrevivendo no Inferno* tomou uma proporção tão grande que, em 2018, foi lançado o livro pela Companhia das Letras, *Racionais MC's: Sobrevivendo no Inferno*, que futuramente se tornará leitura obrigatória no vestibular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Tendo introduzido o álbum, partiremos então para a análise das músicas selecionadas.

3.3.1 Trechos da Música “Capítulo 4, Versículo 3” Racionais MC´s – 1997.

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais

Já sofreram violência policial

A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras

Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros

A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo

Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente

(...)

Minha intenção é ruim, esvazia o lugar

Eu tô em cima, eu tô afim, um, dois pra atirar

Eu sou bem pior do que você tá vendo

O preto aqui não tem dó, é 100% veneno

(...) vim pra sabotar seu raciocínio

Vim pra abalar seu sistema nervoso, e sanguíneo

Pra mim ainda é pouco, Brown cachorro louco

Número 1 dia, terrorista da periferia

Uni-duni-tê, eu tenho pra você

Um rap venenoso ou uma rajada de PT

E a profecia se fez como previsto

1997, depois de Cristo

A fúria negra ressuscita outra vez

Racionais Capítulo 4, Versículo 3

As falas de Primo Preto dão início à faixa *Capítulo 4, Versículo 3*, do álbum *Sobrevivendo no Inferno*. Pensando que esses dados são de 1997, ano de lançamento do álbum, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, foram analisados mais de 4.254 registros de boletins de ocorrência de mortes decorrentes de intervenções militares entre 2015 e 2016, o que representa 78% do universo dos casos no período. Ainda segundo o estudo, 76,2% dos mortos pela polícia no Brasil eram negros (pretos e pardos). Ou seja, uma pesquisa realizada quase duas décadas depois aponta os mesmos dados: três em cada quatro jovens mortos pela polícia são negros. Isso nos mostra o racismo estrutural na sociedade brasileira. Segundo Humberto Bersani

o racismo estrutural é um sistema de opressão que está profundamente enraizado nas estruturas sociais, políticas e econômicas da sociedade brasileira. Ele transcende a mera discriminação individual, manifestando-se nas instituições e nas relações sociais, e é responsável por perpetuar desigualdades e privilégios com base na raça. O racismo estrutural é descrito como um elemento intrínseco à configuração da sociedade, que se naturaliza ao longo do tempo, especialmente desde o período colonial e a escravidão. (BERSANI. 2018. P. 175 – 196).

Para Bersani, o racismo estrutural se reflete em diversos aspectos da vida social, incluindo a educação. Ele analisa como o racismo estrutural contribui para a exclusão social dos negros no Brasil, destacando que o ensino médio e superior funciona como bifurcações sociais e raciais. O ensino médio, em particular, é visto como um espaço que não oferece igualdade de oportunidades, favorecendo aqueles que já pertencem a classes sociais privilegiadas. O autor também critica a ineficácia de políticas públicas, como a Lei 10.639/2003, que deveria promover a inclusão da história e cultura afro-brasileira na educação, mas que, na prática, não tem sido efetivamente implementada. Em resumo, para Bersani, o racismo estrutural é um fenômeno profundamente integrado nas relações sociais e nas instituições, sendo um fator central na manutenção das desigualdades raciais e sociais no Brasil.

Nota-se que Mano Brown canta essa música de forma mais “agressiva”, como se quisesse passar para quem ouve seu sentimento de revolta e indignação, fazendo menção ao trecho "a fúria negra, ressuscita outra vez". Quando Brown se refere a um "nove nove sete depois de Cristo", ele se refere ao ano de lançamento do álbum, 1997. "Capítulo 4" faz alusão ao fato de ser o quarto CD lançado pelos Racionais MC's, e "versículo 3" porque é a terceira música do CD.

Em suma, a canção expõe a hipocrisia presente na sociedade e nas instituições que desconsideram os desafios enfrentados pelos habitantes das periferias, ao mesmo tempo em que transmite um sentimento de desilusão e frustração. O eu-lírico questiona as promessas que jamais foram cumpridas e a escassez de oportunidades, enfatizando a urgência de resistência e a busca por dignidade em um contexto repleto de violência e criminalização.

Ademais, a música também discute a temática da identidade e do orgulho periférico, convidando à reflexão sobre as condições sociais que levam à marginalização. Dessa forma, *Capítulo 4, Versículo 3* se transforma em uma forte denúncia das injustiças sociais e em uma afirmação da luta pela dignidade e reconhecimento da população das periferias.

3.3.2 Trecho da música “Diário De Um Detento” Racionais MC´s – 1997.

São Paulo, dia 1º de Outubro de 1992, oito horas da manhã

Aqui estou, mais um dia

Sob o olhar sanguinário do vigia

Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK

Metralhadora alemã ou de Israel

Estraçalha ladrão que nem papel

Na muralha, em pé, mais um cidadão José

Servindo o Estado, um PM bom

Passa fome, metido a Charles Bronson

Ele sabe o que eu desejo

Sabe o que eu penso

Vários tentaram fugir, eu também quero

Mas de um a cem, a minha chance é zero

Será que Deus ouviu minha oração?

Será que o juiz aceitou a apelação?

(...)

Amanheceu com Sol, dois de Outubro

Tudo funcionando, limpeza, jumbo

De madrugada eu senti um calafrio

Não era do vento, não era do frio

Acertos de conta tem quase todo dia

Tem outra logo mais, hãn, eu sabia

(...)

Era a brecha que o sistema queria

Avise o IML, chegou o grande dia

Depende do sim ou não de um só homem

Que prefere ser neutro pelo telefone

Ratatatá, caviar e champanhe

Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe

Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo

Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio

O ser humano é descartável no Brasil

(...)

Ratatatá, Fleury e sua gangue

Vão nadar numa piscina de sangue

Mas quem vai acreditar no meu depoimento?

Dia 3 de Outubro, diário de um detento

Os versos retirados de *Diário de um Detento*, música escrita por Mano Brown e Josemir Prado, retratam o maior massacre ocorrido no Brasil, o Massacre do Carandiru, que aconteceu em 2 de outubro de 1992, durante o governo de Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB), o qual é mencionado na música. Quando Brown diz “Fleury e sua gangue”, ele se refere ao governador e à polícia do estado de São Paulo. No dia 2 de outubro de 1992, durante uma rebelião, a Polícia Militar do Estado de São Paulo, comandada pelo Coronel Ubiratan Guimarães, entrou no presídio do Carandiru e assassinou 111 presos. Esse evento é lembrado como uma das maiores infâmias da história recente do Brasil.

*Diário de um Detento*, uma das composições do álbum *Sobrevivendo no Inferno* dos Racionais MC's, destaca a brutalidade e as condições desumanas do sistema prisional no Brasil, com um foco especial no Massacre do Carandiru, que resultou na morte de 111 presos em 1992. A letra é elaborada a partir da perspectiva de um detento, que reflete sobre sua vida, seus caminhos e as violências que enfrenta tanto dentro quanto fora do sistema prisional.

De acordo com o autor, a canção revela a dura realidade enfrentada pela população das periferias, evidenciando a violência policial, a marginalização e a falta de dignidade que atingem tanto os detentos quanto os habitantes dessas localidades. A música serve como uma crítica à hipocrisia da sociedade que fecha os olhos para essas questões e ilustra a luta pela sobrevivência em um cenário adverso. Além disso, *Diário de um Detento* emerge como um clamor de resistência, proporcionando uma voz àqueles que frequentemente permanecem silenciados e esquecidos.

A produção dos Racionais MC's, incluindo esta música, é percebida como uma narrativa que retrata as vivências e os conflitos da população das periferias, ajudando a moldar uma nova subjetividade e identidade entre os jovens dessas realidades. Dessa forma, a canção não apenas elucida as injustiças sociais, mas também instiga uma reflexão crítica acerca das estruturas que sustentam a violência e a exclusão.

3.3.3 Em Qual Mentira Vou Acreditar? – Racionais MC´s – 1997.

São apenas dez e meia, tem a noite inteira

Dormir é embaçado, numa sexta-feira

TV é uma merda, prefiro ver a lua

Preto Edi Rock está a caminho da rua

Hã... sei lá vou pruma festa, "se pam"

Se os cara não colar, volto às três da manhã

(...)

Eu me formei suspeito profissional

Bacharel pós-graduado em "tomar geral"

Eu tenho um manual com os lugares, horários, de como "dar perdido"

Aí, caralho... ( "prefixo da placa é MY, sentido Jaçanã, Jardim Hebron...")

Quem é preto como eu já tá ligado qual é

Nota Fiscal, RG, polícia no pé

("Escuta aqui: o primo do cunhado do meu genro é mestiço

Racismo não existe, comigo não tem disso. É pra sua segurança")

Falou, falou, deixa pra lá

Vou escolher em qual mentira vou acreditar

(...)

Que mina cabulosa, olha só que conversa:

Que tinha bronca de neguinho de salão (não...)

Que a maioria é maloqueiro e ladrão (aí não...)

Aí não, mano! Foi por pouco

Eu já tava pensando em capotar no soco

Disse pra mim não falar gíria com ela

pra me lembrar que não tô na favela

Bate-boca, mó guela, será que é meia-noite, já?

A Cinderela virou bruxa do mal

Me humilhar não vai, vai tirar o caralho

Levanta o seu rabo racista e sai!

“*Qual mentira eu vou acreditar?* é a nona faixa do álbum *Sobrevivendo no Inferno*, e trata de questões relacionadas ao racismo estrutural e à estigmatização dos negros das periferias. Embora aborde temas pesados, a música se baseia em uma crônica poderosa, sendo considerada a mais “engraçada” do álbum, repleta de humor Se compararmos com outra música do grupo, *Fim de Semana no Parque*, em que o eu-lírico está retornando à sua área, em *Qual mentira eu vou acreditar?* a situação é invertida. "São apenas 22:30, eu tenho inteira... Preto, Edi Rock está a caminho da rua." Aqui, a música já trabalha com a ideia de ser abordado pela polícia.

O grupo expõe a repressão policial contra os negros e aprofunda o debate sobre o assunto, especialmente quando comparamos com o que foi discutido em faixas anteriores. O vínculo tenso com a polícia não se limita às periferias, onde os policiais estão frequentemente associados à imagem da morte. Ao se deslocarem por outras regiões da cidade, indivíduos negros são constantemente abordados e questionados, como se não fossem bem-vindos naquele espaço ou como se representassem uma ameaça. Edi Rock expõe isso claramente no refrão.

[Edi Rock] Quem é preto como eu, já tá ligado qual é, nota fiscal, RG,

polícia no pé.

[Polícia] Escuta aqui, o primo do cunhado do meu genro é mestiço.

Racismo não existe, comigo não tem disso,

É pra sua segurança.

[Edi Rock] Falou, falou... Deixa pra lá.

Vou escolher em qual mentira vou acredita

A canção *Qual mentira eu vou acreditar?* faz uma crítica contundente à hipocrisia e às contradições que permeiam a sociedade brasileira, com um foco especial nas vivências das periferias. Sua letra expressa descontentamento e falta de fé nas promessas feitas por autoridades e instituições, retratando a dura realidade de uma população que luta contra a pobreza, a violência e a marginalização social. A música levanta questionamentos sobre as narrativas que buscam justificar a desigualdade e a opressão, destacando a importância de uma análise crítica das condições de vida nas áreas mais carentes. Ela também evidência como a sociedade frequentemente exclui os moradores das favelas e como as políticas públicas falham em atender às suas reais necessidades.

Adicionalmente, o tema da busca por identidade e verdade é explorado em um cenário onde as mentiras são comuns, fazendo com que o eu-lírico se questione sobre qual mentira escolher acreditar.

A música também incorpora sons do cotidiano, como sirenes e vozes, para construir uma paisagem sonora que enriquece a narrativa. Por meio dessa crônica, os Racionais MC's trazem à tona as desigualdades sociais e raciais, ao mesmo tempo que ressaltam a luta e a resistência da população periférica. Dessa forma, “*Qual mentira eu vou acreditar?* se torna uma crítica social intensa, utilizando a crônica como uma forma de expressão artística e política.

Portanto, *Qual mentira eu vou acreditar?* transforma-se em um clamor de resistência e um convite para que a população periférica questione as narrativas hegemônicas, busque uma voz própria e se afirme frente à opressão. A crítica se amplia na forma como a cultura e a arte podem servir como instrumentos de conscientização e mobilização social, enfatizando a relevância da produção cultural na construção de uma nova subjetividade e na luta por dignidade e reconhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Porque o guerreiro de fé nunca gela

Não agrada o injusto e não amarela

O Rei dos reis foi traído e sangrou nessa terra

Mas morrer como um homem é o prêmio da guerra

Mas ó, conforme for, se precisar

Afogar no próprio sangue, assim será

Nosso espírito é imortal, sangue do meu sangue

Entre o corte da espada e o perfume da rosa

Sem menção honrosa, sem massagem

A vida é loka, nego

Nela eu tô de passagem

A Dimas, o primeiro

Saúde, guerreiro!

Dimas, Dimas, Dimas”

Racionais MC’s Vida Loka parte II

A escrita desta monografia se deu pelo interesse pessoal e acadêmico na figura do grupo Racionais MC´s. Pessoal porque desde infância o Rap esteve presente na minha realidade, acadêmico porque os Racionais MC´s constitui-se desde o início na luta contra as desigualdades sociais, contra o racismo e o racismo estrutural. Talvez o mais importante grupo de Rap brasileiro já existente, e inegável tamanha importância que Racionais MC´s tem para o cenário do Rap Brasileiro.

Durante essa pesquisa no primeiro capítulo percorremos sobre o surgimento do Rap no Estados Unidos e como as diásporas africanas, contribuíram para isso como apontando por Teperman (2015, p.236. p. 256). Compreendemos figuras seminais como os Dj ´s Kool Herc e Afrika Bambaataa, e a importância de ambos para o surgimento do movimento Hip Hop.

No segundo Capítulo, vimos como a disseminação do Rap estadunidense proliferou até chegar e criar suas raízes aqui no Brasil, compreendemos que o processo de chegada do Rap brasileiro somente foi possível devido a queda da ditadura militar que ocorreu em 1985, pois possibilitou a fixação e aumento de movimento socias que surgiram. Podemos compreender que o movimento Hip hop vai muito além de somente músicas, mas sim um movimento que conversa com a sociedade, cultura etc. Podemos concernir que o uso mais politizado do Rap brasileiro tornou um movimento de contestação e denúncia.

No terceiro e último capítulo, podemos compreender através das letras analisadas dos Racionais MC´s em seus quatro primeiros trabalhos que são eles “Holocausto Urbano” (1990), “Escolha seu caminho” (1992), “Raio-x Brasil” (1993) e o último álbum analisado foi “Sobrevivendo no Inferno” (1997). Trabalhamos com as músicas “Pânico na Zona Sul”, “Negro Limitado”, “Fim de semana no parque”, “Homem na estrada”, “Capítulo 4, Versículo 3”, “Diário de um detento” e “Qual mentira eu vou acreditar”. Através dessas obras que foram análisadas podemos compreender e afirmar aquilo que chamei de Rap de Crítica, Denúncia e Resistência.

Este trabalho teve como objetivo explorar o rap brasileiro, com ênfase no grupo Racionais MC’s, como uma forma de crítica, denúncia e resistência. Através da análise das músicas do grupo, foi possível perceber como suas composições refletem a realidade das periferias urbanas, trazendo à tona questões como racismo, desigualdade social, violência policial e a luta pela dignidade dos indivíduos marginalizados.

As contribuições do rap, em especial do Racionais MC’s, vão além do simples entretenimento musical. O grupo se consolidou como uma voz ativa para as populações das periferias, usando o rap como um meio de conscientização política e social. Suas músicas se tornaram poderosos instrumentos de resistência, oferecendo um espaço para o debate sobre a condição do negro no Brasil e as estruturas de opressão que afetam as classes mais desfavorecidas. Ao longo de sua carreira, os Racionais MC’s não só denunciaram as injustiças sociais, mas também fortaleceram a identidade periférica, promovendo uma nova subjetividade e incentivando os jovens a se reconhecerem e se orgulharem de suas origens.

Além disso, este trabalho evidenciou como o rap no Brasil, embora influenciado pelo hip-hop estadunidense, se adaptou e ganhou uma identidade própria, lidando com questões políticas e sociais específicas do contexto nacional. A relação do rap com movimentos sociais, como a luta contra a desigualdade e o racismo, fortaleceu sua posição como uma manifestação cultural e política relevante.

Portanto, as músicas dos Racionais MC’s são mais do que um simples reflexo das condições da periferia; elas são um chamado à ação, um convite à reflexão e uma ferramenta de transformação social. O rap, como demonstrado neste estudo, continua a ser uma forma de resistência que transcende a música, alcançando as esferas políticas e culturais, e mantendo sua força como um veículo para expressar a luta e a resistência das comunidades marginalizadas.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Elaine N. **Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.

**ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2024**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ano 18, 2024. ISSN 1983-7364.

BERSANI, Humberto. "Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil". **Revista Extraprensa**, v. 11, n. 2, p. 175-196, 2018.

BUZO, Alessandro. **Hip-Hop: Dentro do movimento**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.

BRUM, Gabriel Jesus Emmer. "Da ponte pra lá: crônica e cidade no rap dos Racionais MC’s". 2016.

CARVALHO, Igor; FARIA, Glauco e ROVAI, Renato. **O novo velho Mano Brown**. Entrevista de Mano Brown a Igor Carvalho, Glauco Faria e Renato Rovai. **Revista Fórum**, n. 120, 2013.

CULTURA HIP HOP. Alba Crusa, s.d. Disponível em: <https://albacrusa.no.comunidades.net/cultura-hip-hop>. Acesso em: 15 out. 2024.

DAMASCENO, Francisco J. **O movimento hip-hop organizado do Ceará/MH2O-CE (1990-1995)**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1997.

D’ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. São Paulo: FFLCH, 2013.

\_\_\_\_\_. “**Da ponte pra cá**”. In: **Nada como um dia após o outro dia**. CD. São Paulo: Cosa Nostra, 2002ª.

FERNANDES, Ana Claudia Florindo; MARTINS, Raquel; OLIVEIRA, Rosângela Paulino de. **Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula**. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 64, p. 183-200, ago. 2016.

FREIRE, Vinicius Ribeiro. **Os atravessamentos dos corpos em Homem na estrada, Negro drama e Diário de um detento**. 2020. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

GOULART, Sueli; DORNELAS, Guilherme Câmara; REINEHR, Rafaela. **Práticas organizativas de grupos de Hip Hop em Porto Alegre: uma análise à luz de Guerreiro Ramos**. In: **ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA**, 6., 2010, Salvador. **Anais...** Salvador: CULT, 2010. Disponível em: <Microsoft Word - timbrado\_enecult.doc>. Acesso em: 03 out. 2024.

GUIMARÃES, Maria E. **Do samba ao rap: a música negra no Brasil**. Tese (Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998.

HERSCHMANN, Micael (org.). **Abalando os anos 90 – funk e hip-hop: globalização, violência e estilo de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

INTRODUÇÃO. Intérprete Edi Rock. Compositor: Mano Brown. In: **RAIO-x do Brasil**. Intérprete: Edi Rock. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993. 1 CD, faixa.

KEHL, Maria Rita. “**Radicais, raciais, racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo**”. **Revista São Paulo em Perspectiva**, v. 13, n. 3, p. 95-106, set. 1999.

LOUREIRO, Bráulio Roberto de Castro. **Arte, cultura e política na história do rap nacional**. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 63, abr. 2016, p. 235-241.

MITCHELL, Tony. **Global noise: rap and hip-hop outside the USA**. Middletown: Wesleyan University Press, 2001.

PIMENTEL, Spensy K. **O livro vermelho do hip hop**. Trabalho de conclusão de curso. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

RACIONAIS MC’s. “**Hey boy**”. In: **CD Holocausto urbano**. São Paulo: Unimar, 1990.

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. **O evangelho marginal dos Racionais MC’s**. In: **RACIONAIS MC’S. Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 19-36.

OLIVEIRA, Danilo Roberto Silva de. **Homem na estrada: as narrativas dos Racionais MC'S**. 2015.

**POLITIZE**. **Sobrevivendo no inferno**. Politize, 1 dez. 2024. Disponível em: <https://www.politize.com.br/sobrevivendo-no-inferno/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

Racionais MC's. **Diário de um Detento**. LETRAS.MUS.BR, 2004. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63447/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

Racionais MC's. **Fim de Semana No Parque**. LETRAS.MUS.BR, 2004. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63447/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

Racionais MCs. **O homem na estrada**. LETRAS.MUS.BR, 2004. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63447/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

Racionais MC's. **Capítulo 4, Versículo 3**. LETRAS.MUS.BR, 2004. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63447/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

Racionais MC's. **Pânico Na Zona Sul**. LETRAS.MUS.BR, 2004. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63447/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

Racionais MC's. **Qual Mentira Vou Acreditar**. Vagalume, 2002. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/qual-mentira-vou-acreditar.html>. Acesso em: 21 nov. 2024.

Racionais MCs. **Em qual mentira vou acreditar**. Análise de Letras. Disponível em: <https://analisedeletras.com.br/racionais-mcs/em-qual-mentira-vou-acreditar>. Acesso em: 21 nov. 2024.

Racionais MCs. **Em Qual Mentira Vou Acreditar?** LETRAS.MUS.BR. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63444/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

Racionais MC's. **Negro Limitado**. LETRAS.MUS.BR, 2004. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63447/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

RACIONAIS MCs. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RODRIGUES BRETAS, Nátalia. **DJ Kool Herc: o pai do Hip-Hop**. LinkedIn, 2023. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/dj-kool-herc-o-pai-do-hip-hop-natalia-rodrigues-bretas>. Acesso em: 15 out. 2024.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado - Teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica**. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2007.

SOUZA, Stefani Silva. "**Pânico na Zona Sul: Contribuições para o pensar decolonial na música a partir de Racionais MC’s**". **XXXII CONGRESSO DA ANPPOM**, 2022.

TELLA, Marco A. **Atitude, arte, cultura e autoconhecimento: o rap como voz da periferia**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2000.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

TONI C. **É tudo nosso: o hip-hop fazendo história**. Documentário. São Paulo, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

VAZ, Sergio. **Cooeperifa – antropofagia periférica**. São Paulo: Aeroplano Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. “**Vida loka I**”. In: **Nada como um dia após o outro dia**. CD. São Paulo: Cosa Nostra, 2002b.

SILVA, José C. **Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana**. Tese (Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998.

ANEXO A – Letra de “Pânico da zona sul” (1990)

Pânico Na Zona Sul

Racionais MC's

Aqui é racionais MC's, ice blue, mano brown, kljay e eu edyrock

E ai mano brown, certo?

Certo não está né mano, e os inocentes quem os trará de volta?

É a nossa vida continua, e ai quem se importa?

A sociedade sempre fecha as portas mesmo

E ai ice blue

Pânico

Então quando o dia escurece

Só quem é de lá sabe o que acontece

Ao que me parece prevalece a ignorância

E nós estamos sós

Ninguém quer ouvir a nossa voz

Cheia de razões calibres em punho

Dificilmente um testemunho vai aparecer

E pode crer a verdade se omite

Pois quem garante o meu dia seguinte

Justiceiros são chamados por eles mesmos

Matam humilham e dão tiros a esmo

E a polícia não demonstra sequer vontade

De resolver ou apurar a verdade

Pois simplesmente é conveniente

E por que ajudariam se eles os julgam delinquentes

E as ocorrências prosseguem sem problema nenhum

Continua-se o pânico na zona sul

Pânico na zona sul

Pânico

Eu não sei se eles

Estão ou não autorizados

De decidir que é certo ou errado

Inocente ou culpado retrato falado

Não existe mais justiça ou estou enganado?

Se eu fosse citar o nome de todos que se foram

O meu tempo não daria pra falar mais

Eu vou lembrar que ficou por isso mesmo

E então que segurança se tem em tal situação

Quantos terão que sofrer pra se tomar providência

Ou vão dar mais algum tempo e assistir a sequência

E com certeza ignorar a procedência

O sensacionalismo pra eles é o máximo

Acabar com delinquentes eles acham ótimo

Desde que nenhum parente ou então é lógico

Seus próprios filhos sejam os próximos

E é por isso que

Nós estamos aqui

E ai mano ice blue

Pânico na sona sul

Pânico

Racionais vão contar

A realidade das ruas

Que não media outras vidas

A minha e a sua

Viemos falar

Que pra mudar

Temos que parar de se acomodar

E acatar o que nos prejudica

O medo

Sentimento em comum num lugar

Que parece sempre estar esquecido

Desconfiança insegurança mano

Pois já se tem a consciência do perigo

E ai?

Mal te conhecem consideram inimigo

E se você der o azar de apenas ser parecido

Eu te garanto que não vai ser divertido

Se julgam homens da lei

Mas à respeito eu não sei

Muito cuidado eu terei

Scracth kljay

Eu não serei mais um porque estou esperto

Do que acontece ice blue

Pânico na zona sul

Pânico na zona sul

Pânico

Ei brown

Você acha que o problema acabou?

Pelo contrário ele apenas começou

Não perceberam que agora se tornaram iguais

Se inverteram e também são marginais mas

Terão que ser perseguidos e esclarecidos

Tudo e todos até o último indivíduo

Porém se nos querermos que as coisas mudem

Ei brown qual será a nossa atitude?

A mudança estará em nossa consciência

Praticando nossos atos com coerência

E a consequência será o fim do próprio medo

Pois quem gosta de nós somos nós mesmos

Tipo porque ninguém cuidará de você

Não entre nessa a toa

Não de motivo pra morrer

Honestidade nunca será demais

Sua moral não se ganha, se faz

Não somos donos da verdade

Porém não mentimos

Sentimos a necessidade de uma melhoria

A nossa filosofia é sempre transmitir

A realidade em si

Racionais MC's

Pânico na zona sul

Pânico

Certo, certo... Então irmão

Volte a atenção pra você mesmo

E pense como você tem vivido até hoje certo?

Quem gosta de você é você mesmo, morô

Nós somos racionais MC's

DJ kljay, ice blue, edy rock e eu Brown

Paz

Pânico

ANEXO B – Letra de “Negro Limitado” (1992)

Negro Limitado

Racionais MC's

"- Aí mano, cê tá dando febre, certo!

- O que é que é mano.

- Cê tem que ter consciência.

- Que consciência que nada, negócio de negro, consciência não tá com nada, o negócio é tirar um barato, morô..!

- Pô mano, vamos pensar um pouco.

- Que pensar que nada, o negócio é dinheiro E tirar um onda..!"

Você não me escuta.

Ou não entende o que eu falo.

Procuro te dar um toque.

E sou chamado de preto otário.

Atrasado, revoltado.

Pode crê.

Estamos jogando com um baralho marcado.

Não quero ser o mais certo.

E sim o mano esperto.

Não sei se você me entende.

Mas eu distingo o errado do certo.

"- Hei mano, você vai continuar com essa idéias,

você tá me tirando? Dá licença..."

A verdade é que enquanto eu reparo meus erros.

Você se quer admite os seus.

Limitado é seu pensamento.

Você mesmo quer.

Falar sobre mulher, seu principal passatempo.

O Don Juan das vagabundas, eu lamento

Vive contando vantagem, se dizendo o tal.

Mas simplesmente, falta postura, QI suficiente.

Me diga alguma coisa que ainda não sei.

Malandros como você muitos finados contei.

Não sabe se quer dizer.

Veja só você, o número de cór do seu próprio RG.

Então, príncipe dos burros, limitado.

Nesse exato momento foi coroado.

Diga qual a sua origem, quem é você!

Você não sabe responder.

Negro Limitado.

"- Então, vocês que fazem o RAP aí, são cheios de ser professor, falar de drogas, policia e tal, e aí, mostra uma saída, mostra um caminho e tal, e aí..?"

Cultura, educação, livros, escola.

Crocodilagem demais.

Vagabundas e drogas.

A segunda opção é o caminho mais rápido.

E fácil, a morte percorre a mesma estrada é inevitável.

Planejam nossa restrição.

Esse é o título.

Da nossa revolução, segundo versículo.

Leia, se forme, se atualize, decore.

Antes que os racistas otários fardados de cérebro atrofiado.

Os seu miolos estoirem e estará tudo acabado.

Cuidado...!

O Boletim de Ocorrência com seu nome em algum livro.

Em qualquer distrito, em qualquer arquivo, .

Caso encerrado, nada mais que isso.

Um negro a menos contarão com satisfação.

Porque é a nossa destruição que eles querem.

Física e mentalmente, o mais que puderem.

Você sabe do que estou falando.

Não são um dia nem dois.

São mais de 400 anos.

Filho, é fácil qualquer um faz.

Mas cria-los, não, você não é capaz.

Ele nasce, cresce, e o que acontece?

Sem referencia a seguir, cê terá que ouvir.

Um mal aluno na escola certamente ele será.

Mas um menino confuso.

No quarto escuro da ignorância.

Se o futuro é das crianças...!

Talvez um dia de você ele se orgulhara.

Você tem duas saídas.

Ter consciência, ou, se afogar na sua própria indiferença.

Escolha o seu caminho.

Ser um verdadeiro preto, puro e formado.

Ou ser apenas mais um negro limitado.

Negro Limitado

"- É, consciência, consciência, e os outros manos,

você é consciente sozinho?"

Faça por você mesmo e não por mim.

Mantenha distancia de dinheiro fácil.

De bebidas demais, policiais e coisas assim.

Enfim, de modo eficaz.

Racionais declaram guerra.

Contra aqueles que querem ver os pretos na merda.

E os manos que nos ouvem irão entender.

Que a informação é uma grande arma.

Mais poderosa que qualquer PT carregada.

Roupas caras de etiqueta, não valem nada.

Se comparadas a uma mente articulada.

Contra os racistas otários é química perfeita

Inteligência, e um cruzado de direita.

Será temido, e também respeitado.

Um preto digno, e não um negro limitado.

Negro Limitado

" - Pode crê, tem tudo a ver, não é não..! Racionais, fio da navalha, pode contar comigo. É isso aí, valeu."

ANEXO – C Letra “Fim de semana no parque” (1993)

Fim de Semana No Parque

Racionais MC's

1993, fundidamente voltando, Racionais

Usando e abusando da nossa liberdade de expressão

Um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país

Você está entrando no mundo da informação

Auto-conhecimento, denúncia e diversão

Esse é o Raio X do Brasil, seja bem vindo

À toda comunidade pobre da Zona Sul

Chegou fim de semana todos querem diversão

Só alegria nós estamos no verão, mês de janeiro

São Paulo, zona sul

Todo mundo à vontade, calor céu azul

Eu quero aproveitar o Sol

Encontrar os camaradas prum basquetebol

Não pega nada

Estou a uma hora da minha quebrada

Logo mais, quero ver todos em paz

Um, dois, três carros na calçada

Feliz e agitada toda prayboyzada

As garagens abertas eles lavam os carros

Desperdiçam a água, eles fazem a festa

Vários estilos vagabundas, motocicletas

Coroa rico boca aberta, isca predileta

De verde fluorescente queimada sorridente

A mesma vaca loura circulando como sempre

Roda a banca dos playboys do Guarujá

Muitos manos se esquecem na minha não cresce

Sou assim e tô legal, até me leve a mal

Malicioso e realista sou eu Mano Brown

Me dê 4 bons motivos pra não ser

Olha o meu povo nas favelas e vai perceber

Daqui eu vejo uma caranga do ano

Toda equipada e um tiozinho guiando

Com seus filhos ao lado estão indo ao parque

Eufóricos brinquedos eletrônicos

Automaticamente eu imagino

A molecada lá da área como é que tá

Provavelmente correndo pra lá e pra cá

Jogando bola descalços nas ruas de terra

É, brincam do jeito que dá

Gritando palavrão é o jeito deles

Eles não têm videogame e às vezes nem televisão

Mas todos eles têm um dom São Cosme e São Damião

A única proteção

No último Natal, Papai Noel escondeu um brinquedo

Prateado, brilhava no meio do mato

Um menininho de 10 anos achou o presente

Era de ferro com 12 balas no pente

O fim de ano foi melhor pra muita gente

Eles também gostariam de ter bicicletas

De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta

Gostam de ir ao parque e se divertir

E que alguém os ensinasse a dirigir

Mas eles só querem paz e mesmo assim é um sonho

Fim de semana no Parque Santo Antônio

Vamos passear no parque

Deixa o menino brincar

Fim de semana no parque

Vamos passear no parque

Vou rezar pra esse domingo não chover

Olha só aquele clube que da hora

Olha aquela quadra, olha aquele campo, olha

Olha quanta gente

Tem sorveteria, cinema, piscina quente

Olha quanto boy, olha quanta mina

Afoga essa vaca dentro da piscina

Tem corrida de kart dá pra ver

É igualzinho o que eu vi ontem na TV

Olha só aquele clube que da hora

Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora

Nem se lembra do dinheiro que tem que levar

Do seu pai bem louco gritando dentro do bar

Nem se lembra de ontem, de hoje e o futuro

Ele apenas sonha através do muro

Milhares de casas amontoadas

Ruas de terra esse é o morro, a minha área me espera

Gritaria na feira (vamos chegando)

Pode crer eu gosto disso mais calor humano

Na periferia a alegria é igual

É quase meio dia a euforia é geral

É lá que moram meus irmãos, meus amigos

E a maioria por aqui se parece comigo

E eu também sou o bam bam bam e o que manda

O pessoal desde às 10 da manhã está no samba

Preste atenção no repique e atenção no acorde

(Como é que é Mano Brown?)

Pode crer pela ordem

A número, número 1 em baixa renda da cidade

Comunidade zona sul é, dignidade

Tem um corpo no escadão, a tiazinha desce o morro

Polícia, a morte, polícia, socorro

Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo

Pra molecada frequentar, nenhum incentivo

O investimento no lazer é muito escasso

O centro comunitário é um fracasso

Mas aí, se quiser se destruir está no lugar certo

Tem bebida e cocaína sempre por perto

A cada esquina 100, 200 metros

Nem sempre é bom ser esperto

Schmidt, Taurus, Rossi, Dreher ou Campari

Pronúncia agradável, estrago inevitável

Nomes estrangeiros que estão no nosso meio pra matar

MERDA

Como se fosse ontem ainda me lembro

7 horas sábado

4 de dezembro

Uma bala uma moto com 2 imbecis

Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz

E indiretamente ainda faz, mano Rogério esteja em paz

Vigiando lá de cima

A molecada do Parque Regina

Vamos passear no parque

Deixa o menino brincar

Fim de semana no parque

Vamos passear no parque

Vou rezar pra esse domingo não chover

Tô cansado dessa porra

De toda essa bobagem

Alcoolismo, vingança, treta, malandragem

Mãe angustiada, filho problemático

Famílias destruídas, fins de semana trágicos

O sistema quer isso, a molecada tem que aprender

Fim de semana no Parque Ipê

Vamos passear no parque

Deixa o menino brincar

Fim de semana no parque

Vamos passear no parque

Vou rezar pra esse domingo não chover

Pode crer Racionais MC's e Negritude Júnior juntos

Vamos investir em nós mesmos, mantendo distância das

Drogas e do álcool

Aí rapaziada do Parque Ipê, Jardim São Luiz, Jardim Ingá

Parque Arariba, Vaz de Lima

Morro do Piolho, Vale das Virtudes e Pirajussara

É isso aí Mano Brown (é isso ai Netinho, paz a todos)

ANEXO D – Letra “Homem na estrada” (1993)

Homem Na Estrada

Racionais MC's

Um homem na estrada recomeça sua vida

Sua finalidade: A sua liberdade

Que foi perdida, subtraída

E quer provar a si mesmo que realmente mudou

Que se recuperou e quer viver em paz

Não olhar para trás, dizer ao crime: Nunca mais

Pois sua infância não foi um mar de rosas, não

Na FEBEM, lembranças dolorosas, então

Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim

Muitos morreram sim, sonhando alto assim

Me digam quem é feliz, quem não se desespera

Vendo nascer seu filho no berço da miséria

Um lugar onde só tinham como atração

O bar e o candomblé pra se tomar a bênção

Esse é o palco da história que por mim será contada

Um homem na estrada

Equilibrado num barranco, um cômodo mal acabado e sujo

Porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio

Um cheiro horrível de esgoto no quintal

Por cima ou por baixo, se chover será fatal

Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou

Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou

Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas

Logo depois esqueceram, filha da puta!

Acharam uma mina morta e estuprada

Deviam estar com muita raiva (mano, quanta paulada)

Estava irreconhecível, o rosto desfigurado

Deu meia noite e o corpo ainda estava lá

Coberto com lençol, ressecado pelo Sol, jogado

O IML estava só dez horas atrasado

Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim

Quero que meu filho nem se lembre daqui

Tenha uma vida segura, não quero que ele cresça

Com um oitão na cintura e uma PT na cabeça

E o resto da madrugada sem dormir, ele pensa

O que fazer para sair dessa situação?

Desempregado então, com má reputação

Viveu na detenção, ninguém confia não

E a vida desse homem para sempre foi danificada

Um homem na estrada

Um homem na estrada

Amanhece mais um dia e tudo é exatamente igual

Calor insuportável, 28 graus

Faltou água, já é rotina, monotonia

Não tem prazo pra voltar, há!

Já fazem cinco dias

São dez horas, a rua está agitada

Uma ambulância foi chamada com extrema urgência

Loucura, violência, exagerado

Estourou a própria mãe, estava embriagado

Mas bem antes da ressaca ele foi julgado

Arrastado pela rua o pobre do elemento

Um inevitável linchamento, imaginem só

Ele ficou bem feio, não tiveram dó

Os ricos fazem campanha contra as drogas

E falam sobre o poder destrutivo dela

Por outro lado promovem e ganham muito dinheiro

Com o álcool que é vendido na favela

Empapuçado ele sai, vai dar um rolê

Não acredita no que vê, não daquela maneira

Crianças, gatos, cachorros disputam palmo a palmo

Seu café da manhã na lateral da feira

Molecada sem futuro, eu já consigo ver

Só vão na escola pra comer, apenas nada mais

Como é que vão aprender sem incentivo de alguém

Sem orgulho e sem respeito, sem saúde e sem paz

Um mano meu tava ganhando um dinheiro

Tinha comprado um carro, até Rolex tinha

Foi fuzilado a queima roupa no colégio

Abastecendo a playboyzada de farinha

Ficou famoso, virou notícia

Rendeu dinheiro aos jornais, ham

Cartaz à policia

Vinte anos de idade, alcançou os primeiros lugares

Superstar do notícias populares

Uma semana depois chegou o crack

Gente rica por trás, diretoria

Aqui, periferia, miséria de sobra

Um salário por dia garante a mão-de-obra

A clientela tem grana e compra bem

Tudo em casa, costa quente de sócio

A playboyzada muito louca até os ossos

Vender droga por aqui, grande negócio

Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim

Quero um futuro melhor, não quero morrer assim

Num necrotério qualquer, um indigente sem nome e sem nada

O homem na estrada

Assaltos na redondeza levantaram suspeitas

Logo acusaram a favela para variar

E o boato que corre é que esse homem está

Com o seu nome lá na lista dos suspeitos, pregada na parede do bar

A noite chega e o clima estranho no ar

E ele sem desconfiar de nada, vai dormir tranquilamente

Mas na calada caguetaram seus antecedentes

Como se fosse uma doença incurável

No seu braço a tatuagem, DVC, uma passagem, 157 na lei

No seu lado não tem mais ninguém

A Justiça Criminal é implacável

Tiram sua liberdade, família e moral

Mesmo longe do sistema carcerário

Te chamarão para sempre de ex-presidiário

Não confio na polícia, raça do caralho!!!

Se eles me acham baleado na calçada

Chutam minha cara e cospem em mim é

Eu sangraria até a morte (já era, um abraço)

Por isso a minha segurança eu mesmo faço

É madrugada, parece estar tudo normal

Mas esse homem desperta, pressentindo o mal

Muito cachorro latindo ele acorda ouvindo

Barulho de carro e passos no quintal

A vizinhança está calada e insegura

Premeditando o final que já conhecem bem

Na madrugada da favela não existem leis

Talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez

Vão invadir o seu barraco, é a polícia

Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia

Filhos da puta, comedores de carniça

Já deram minha sentença e eu nem tava na treta

Não são poucos e já vieram muito loucos

Matar na crocodilagem, não vão perder viagem

Quinze caras lá fora, diversos calibres

E eu apenas com uma treze tiros automática

Sou eu mesmo e eu, meu Deus e o meu orixá

No primeiro barulho, eu vou atirar

Se eles me pegam, meu filho fica sem ninguém

E o que eles querem: Mais um pretinho na FEBEM

Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim

A gente sonha a vida inteira e só acorda no fim

Minha verdade foi outra, não dá mais tempo pra nada

Bang! Bang! Bang!

Homem mulato aparentando

Entre vinte e cinco e trinta anos

É encontrado morto na estrada do

M'Boi Mirim sem número

Tudo indica ter sido acerto de contas entre quadrilhas rivais

Segundo a polícia, a vítima tinha vasta ficha criminal

ANEXO – E Letra “Capítulo 4, Versículo 3”. (1997)

Capítulo 4, Versículo 3

Racionais MC's

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais

Já sofreram violência policial

A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras

Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros

A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo

Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente

Minha intenção é ruim, esvazia o lugar

Eu tô em cima, eu tô afim, um, dois pra atirar

Eu sou bem pior do que você tá vendo

O preto aqui não tem dó, é 100% veneno

A primeira faz bum, a segunda faz tá

Eu tenho uma missão e não vou parar

Meu estilo é pesado e faz tremer o chão

Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição

Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além

E tem disposição pro mal e pro bem

Talvez eu seja um sádico, ou um anjo

Um mágico, o juiz ou réu

O bandido do céu, malandro ou otário

Padre sanguinário, franco atirador se for necessário

Revolucionário, insano ou marginal

Antigo e moderno, imortal

Fronteira do céu com o inferno

Astral imprevisível

Como um ataque cardíaco do verso

Violentamente pacífico

Verídico, vim pra sabotar seu raciocínio

Vim pra abalar seu sistema nervoso, e sanguíneo

Pra mim ainda é pouco, Brown cachorro louco

Número 1 dia, terrorista da periferia

Uni-duni-tê, eu tenho pra você

Um rap venenoso ou uma rajada de PT

E a profecia se fez como previsto

1997, depois de Cristo

A fúria negra ressuscita outra vez

Racionais Capítulo 4, Versículo 3

Aleluia, aleluia

Racionais no ar, filhas da puta, pá, pá, pá

Faz frio em São Paulo

Pra mim tá sempre bom

Eu tô na rua de bombeta e moletom

Dim, dim, dom, rap é o som

Que emana no Opala marrom

E aí, chama o Guilherme

Chama o Vander, chama o Dinho e o Di

Marquinho chama o Éder, vamo aí

Se os outros manos vem

Pela ordem tudo bem melhor

Quem é quem no bilhar no dominó

Colou dois mano, um acenou pra mim

De jaco de cetim, de tênis e calça jeans

Ei Brown, sai fora nem vai, nem cola

Não vale a pena dar ideia nesses tipo aí

Ontem à noite eu vi na beira do asfalto

Tragando a morte, soprando a vida pro alto

Ó os cara só pó, pele o osso

No fundo do poço, vários flagrante no bolso

Veja bem, ninguém é mais que ninguém

Veja bem, veja bem, eles são nosso irmãos também

Mas de cocaína e crack, Whisky e conhaque

Os manos morrem rapidinho sem lugar de destaque

Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem fuma

Nem dá, nunca te dei porra nenhuma

Você fuma o que vem, entope o nariz

Bebe tudo o que vê, faça o diabo feliz

Você vai terminar tipo o outro mano lá

Que era um preto tipo A

Ninguém entrava numa, mó estilo

De calça Calvin Klein e tênis Puma

Um jeito humilde de ser, no trampo e no rolê

Curtia um Funk, jogava uma bola

Buscava a preta dele no portão da escola

Um exemplo pra nós, mó moral, mó ibope

Mas começou colar com os branquinhos do shopping

(Aí já era)

Ih mano outra vida, outro pique

Só mina de elite, balada, vários drink

Puta de butique, toda aquela porra

Sexo sem limite, Sodoma e Gomorra

Hã, faz uns nove anos

Tem uns quinze dias atrás eu vi o mano

Cê tem que ver, pedindo cigarro pros tiozinho no ponto

Dente tudo zoado, bolso sem nenhum conto

O cara cheira mal, as tia sente medo

Muito louco de sei lá o que logo cedo

Agora não oferece mais perigo

Viciado, doente, fodido, inofensivo

Um dia um PM negro veio embaçar

E disse pra eu me pôr no meu lugar

Eu vejo um mano nessas condições, não dá

Será assim que eu deveria estar?

Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor

Pelo rádio, jornal, revista e outdoor

Te oferece dinheiro, conversa com calma

Contamina seu caráter, rouba sua alma

Depois te joga na merda sozinho

Transforma um preto tipo A num neguinho

Minha palavra alivia sua dor

Ilumina minha alma, louvado seja o meu Senhor

Que não deixa o mano aqui desandar, ah

E nem sentar o dedo em nenhum pilantra

Mas que nenhum filha da puta ignore a minha lei

Racionais Capítulo 4, Versículo 3

Aleluia, aleluia

Racionais no ar filha da puta, pá, pá, pá

Quatro minutos se passaram e ninguém viu

O monstro que nasceu em algum lugar do Brasil

Talvez o mano que trampa debaixo do carro sujo de óleo

Que enquadra o carro forte na febre com sangue nos olhos

O mano que entrega envelope o dia inteiro no sol

Ou o que vende chocolate de farol em farol

Talvez o cara que defende o pobre no tribunal

Ou que procura vida nova na condicional

Alguém num quarto de madeira lendo à luz de vela

Ouvindo um rádio velho no fundo de uma cela

Ou da família real de negro como eu sou

Um príncipe guerreiro que defende o gol

E eu não mudo, mas eu não me iludo

Os mano cu de burro têm, eu sei de tudo

Em troca de dinheiro e um cargo bom

Tem mano que rebola e usa até batom

Vários patrícios falam merda pra todo mundo rir

Ha ha, pra ver branquinho aplaudir

É, na sua área tem fulano até pior

Cada um, cada um, você se sente só

Tem mano que te aponta uma pistola e fala sério

Explode sua cara por um toca-fita velho

Click pláu, pláu, pláu e acabou

Sem dó e sem dor, foda-se sua cor

Limpa o sangue com a camisa e manda se foder

Você sabe por quê, pra onde vai, pra quê?

Vai de bar em bar, esquina em esquina

Pegar 50 conto, trocar por cocaína

Enfim, o filme acabou pra você

A bala não é de festim, aqui não tem dublê

Para os manos da Baixada Fluminense à Ceilândia

Eu sei, as ruas não são como a Disneylândia

De Guaianases ao extremo sul de Santo Amaro

Ser um preto tipo A custa caro

É foda, foda é assistir à propaganda e ver

Não dá pra ter aquilo pra você

Playboy forgado de brinco: Cu, trouxa

Roubado dentro do carro na avenida Rebouças

Correntinha das moça

As madame de bolsa

Dinheiro, não tive pai não sou herdeiro

Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal

Por menos de um real

Minha chance era pouca

Mas se eu fosse aquele moleque de touca

Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca

De quebrada sem roupa, você e sua mina

Um, dois, nem me viu, já sumi na neblina

Mas não, permaneço vivo, prossigo a mística

Vinte e sete anos contrariando a estatística

Seu comercial de TV não me engana

Eu não preciso de status nem fama

Seu carro e sua grana já não me seduz

E nem a sua puta de olhos azuis

Eu sou apenas um rapaz latino-americano

Apoiado por mais de 50 mil manos

Efeito colateral que o seu sistema fez

Racionais Capítulo 4, Versículo 3

ANEXO F – Letra de “Diário de um detento” (1993)

Diário de Um Detento

Racionais MC's

São Paulo, dia 1º de Outubro de 1992, oito horas da manhã

Aqui estou, mais um dia

Sob o olhar sanguinário do vigia

Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK

Metralhadora alemã ou de Israel

Estraçalha ladrão que nem papel

Na muralha, em pé, mais um cidadão José

Servindo o Estado, um PM bom

Passa fome, metido a Charles Bronson

Ele sabe o que eu desejo

Sabe o que eu penso

O dia tá chuvoso, o clima tá tenso

Vários tentaram fugir, eu também quero

Mas de um a cem, a minha chance é zero

Será que Deus ouviu minha oração?

Será que o juiz aceitou a apelação?

Mando um recado lá pro meu irmão

Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão

Ele ainda tá com aquela mina

Pode crer, moleque é gente fina

Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá

Tanto faz, os dias são iguais

Acendo um cigarro, e vejo o dia passar

Mato o tempo pra ele não me matar

Homem é homem, mulher é mulher

Estuprador é diferente, né?

Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés

E sangra até morrer na rua 10

Cada detento uma mãe, uma crença

Cada crime uma sentença

Cada sentença um motivo, uma história de lágrima

Sangue, vidas inglórias, abandono, miséria, ódio

Sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo

Misture bem essa química

Pronto, eis um novo detento

Lamentos no corredor, na cela, no pátio

Ao redor do campo, em todos os cantos

Mas eu conheço o sistema, meu irmão, hã

Aqui não tem santo

Rátátátá preciso evitar

Que um safado faça minha mãe chorar

Minha palavra de honra me protege

Pra viver no país das calças bege

Tic, tac, ainda é 9 e 40

O relógio da cadeia anda em câmera lenta

Ratatatá, mais um metrô vai passar

Com gente de bem, apressada, católica

Lendo jornal, satisfeita, hipócrita

Com raiva por dentro, a caminho do centro

Olhando pra cá, curiosos, é lógico

Não, não é não, não é o zoológico

Minha vida não tem tanto valor

Quanto seu celular, seu computador

Hoje tá difícil, não saiu o Sol

Hoje não tem visita, não tem futebol

Alguns companheiros têm a mente mais fraca

Não suportam o tédio, arruma quiaca

Graças a Deus e à Virgem Maria

Faltam só um ano, três meses e uns dias

Tem uma cela lá em cima fechada

Desde Terça-feira ninguém abre pra nada

Só o cheiro de morte e Pinho Sol

Um preso se enforcou com o lençol

Qual que foi? Quem sabe? Não conta

Ia tirar mais uns seis de ponta a ponta

Nada deixa um homem mais doente

Que o abandono dos parentes

Aí moleque, me diz, então, cê quer o quê?

A vaga tá lá esperando você

Pega todos seus artigos importado

Seu currículo no crime e limpa o rabo

A vida bandida é sem futuro

Sua cara fica branca desse lado do muro

Já ouviu falar de Lúcifer?

Que veio do Inferno com moral

Um dia no Carandiru, não, ele é só mais um

Comendo rango azedo com pneumonia

Aqui tem mano de Osasco, do Jardim D'Abril, Parelheiros

Mogi, Jardim Brasil, Bela Vista, Jardim Ângela

Heliópolis, Itapevi, Paraisópolis

Ladrão sangue bom tem moral na quebrada

Mas pro Estado é só um número, mais nada

Nove pavilhões, sete mil homens

Que custam trezentos reais por mês, cada

Na última visita, o neguinho veio aí

Trouxe umas frutas, Marlboro, Free

Ligou que um pilantra lá da área voltou

Com Kadett vermelho, placa de Salvador

Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa

Com uma nove milímetros embaixo da blusa

Aí neguinho, vem cá, e os manos onde é que tá?

Lembra desse cururu que tentou me matar?

Aquele puta ganso, pilantra corno manso

Ficava muito doido e deixava a mina só

A mina era virgem e ainda era menor

Agora faz chupeta em troca de pó

Esses papos me incomoda

Se eu tô na rua é foda

É, o mundo roda, ele pode vir pra cá

Não, já, já, meu processo tá aí

Eu quero mudar, eu quero sair

Se eu trombo esse fulano, não tem pá, não tem pum

E eu vou ter que assinar o 121

Amanheceu com Sol, dois de Outubro

Tudo funcionando, limpeza, jumbo

De madrugada eu senti um calafrio

Não era do vento, não era do frio

Acertos de conta tem quase todo dia

Tem outra logo mais, hãn, eu sabia

Lealdade é o que todo preso tenta

Conseguir a paz, de forma violenta

Se um salafrário sacanear alguém

Leva ponto na cara igual Frankestein

Fumaça na janela, tem fogo na cela

Fudeu, foi além, se pã, tem refém

Na maioria, se deixou envolver

Por uns cinco ou seis que não têm nada a perder

Dois ladrões considerados passaram a discutir

Mas não imaginavam o que estaria por vir

Traficantes, homicidas, estelionatários

Uma maioria de moleque primário

Era a brecha que o sistema queria

Avise o IML, chegou o grande dia

Depende do sim ou não de um só homem

Que prefere ser neutro pelo telefone

Ratatatá, caviar e champanhe

Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe

Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo

Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio

O ser humano é descartável no Brasil

Como modess usado ou Bombril

Cadeia? Guarda o que o sistema não quis

Esconde o que a novela não diz

Ratatatá sangue jorra como água

Do ouvido, da boca e nariz

O Senhor é meu pastor

Perdoe o que seu filho fez

Morreu de bruços no Salmo 23

Sem padre, sem repórter

Sem arma, sem socorro

Vai pegar HIV na boca do cachorro

Cadáveres no poço, no pátio interno

Adolf Hitler sorri no inferno

O Robocop do governo é frio, não sente pena

Só ódio e ri como a hiena

Ratatatá, Fleury e sua gangue

Vão nadar numa piscina de sangue

Mas quem vai acreditar no meu depoimento?

Dia 3 de Outubro, diário de um detento

ANEXO – G Letra de “Em qual mentira vou acreditar” (1997)

Em Qual Mentira Vou Acreditar?

Racionais MC's

São apenas dez e meia, tem a noite inteira

Dormir é embaçado, numa sexta-feira

TV é uma merda, prefiro ver a lua

Preto Edy Rock Star a caminho da rua

Hã... sei lá vou pruma festa, "se pam"

Se os cara não colar, volto às três da manhã

Tô devagar, tô a cinquenta por hora

Ouvindo funk do bom, minha trilha sonora

A polícia cresce o olho, eu quero que se foda!

Zona Norte a bandidagem curte a noite toda

Eu me formei suspeito profissional

Bacharel pós-graduado em "tomar geral"

Eu tenho um manual com os lugares, horários, de como "dar perdido"

Aí, caralho... ( "prefixo da placa é MY, sentido Jaçanã, Jardim Hebron...")

Quem é preto como eu já tá ligado qual é

Nota Fiscal, RG, polícia no pé

("Escuta aqui: o primo do cunhado do meu genro é mestiço

Racismo não existe, comigo não tem disso. É pra sua segurança")

Falou, falou, deixa pra lá

Vou escolher em qual mentira vou acreditar

Tem que saber curtir, tem que saber lidar

Em qual mentira vou acreditar?

A noite é assim mesmo, então... deixa rolar

Em qual mentira vou acreditar?

Tem que saber curtir, tem que saber lidar

Em qual mentira vou acreditar?

Ô, que caras chato, ó! Quinze pras Onze

Eu nem fui muito longe e os "home" embaçou

Revirou os banco, amassou meu boné branco

Sujou minha camisa dos Santos

Eu nem me lembro mais pra onde eu vou

E agora, quem será que ligou?

"Me espere na estação, eu tô na Zona Sul

Eu chego rapidinho, assinado: Blue"

Pode crer, naquele lado de Santana

Conheço uns lugar, conheço umas fulana

Juliana? Não. Mariana? Não. Alessandra? Não. Adriana?

O nome é só um detalhe, o nome é só um nome

9532... hum, esqueci o telefone

"Porra, demorou, heim?!" E aí, Blue, como é?

Isso aqui é um inferno, tem uma par de mulher

Trombei uma par de gente, uma par de mano

Tô há quase uma hora te esperando

Passou uma figura aqui e deu ideia

Disse que te conhece e pá, chama Léa

Cabelo solto, vestido vermelho

Estrategicamente a um palmo do joelho

Os caras comentaram o visual, oh os bico e tal, pagando o maior pau.

Ninguém falou, ah! ah! mas eu ouvia meio mundo

Xingando por telepatia ("mina filha da puta!").

Economizava meu vocabulário, não tinha o que falar

Falava o necessário, meio assim, é claro

Será qual é que é, truta é o que não falta, mina filha da puta

Tudo comigo, confio no meu taco, versão africana "Don Juan de Marco"

Tudo muito bom, tudo muito bem, sei lá o que é que tem

Idéia vai, idéia vem, ela era princesa, eu era o plebeu

Quem é mais foda que eu, espelho, espelho meu

"Tipo Taís de Araújo ou Camila Pitanga?"

Uma mistura. Confesso: fiquei de perna bamba

Será que ela aceita ir comigo pro baile?

Ou ir pra Zona Sul ter um "Grand Finale"?

Amor com gosto de gueto até às seis da manhã

Me chamar de "meu preto" e me cantar "Djavan"

Ninguém ouviu, mas... puta que pariu!

Em fração de segundos meu castelo caiu!

A mais bonita da escola, rainha passista

Se transformou numa vaca nazista!

Eu ouvindo James Brown, pá, cheio de pose

Ela pergunto se eu tenho... o quê?

Guns n' Roses? Lógico que não! A mina quase histérica

Meteu a mão no rádio e pôs na Transamérica

Como é que ela falou? Só se liga nessa

Que mina cabulosa, olha só que conversa:

Que tinha bronca de neguinho de salão (não...)

Que a maioria é maloqueiro e ladrão (aí não...)

Aí não, mano! Foi por pouco

Eu já tava pensando em capotar no soco

Disse pra mim não falar gíria com ela

pra me lembrar que não tô na favela

Bate-boca, mó guela, será que é meia-noite, já?

A Cinderela virou bruxa do mal

Me humilhar não vai, vai tirar o caralho

Levanta o seu rabo racista e sai!

"Eu conheço essa perversa "há maior cara"

Correu a banca toda de uns "pleiba" que colava lá na área

"Pra mim ela já disse que era solitária

Que a família era rígida e autoritária

Tem vergonha de tudo, cheia de complexo

Que ainda era cedo pra pensar em sexo

A noite é assim mesmo... deixa rolar!

Vou escolher em qual mentira vou acreditar

Tem que saber curtir, tem que saber lidar

Em qual mentira vou acreditar?

A noite é assim mesmo, então... deixa rolar

Em qual mentira vou acreditar?

Tem que saber curtir, tem que saber lidar

Em qual mentira vou acreditar?

Ih! Caralho! Olha só quem tá ali?

O que que esse mano tá fazendo aqui?

E aí, esse maluco veio agora comigo

Ligou que era até seu amigo, que morava lá na sul

irmão da Cristiane, dei um cavalo(carona pra biqueira, não o animal) pra ele no Lausane

Ia levar um recado pra uns parente local

Da Igreja Evangélica Pentecostal

Desceu do carro acenando a mão

"A paz do Senhor!". Ninguém dava atenção

Bem diferente do estilo dos crentes

Bombojaco, touca, mas a noite tá quente

Que barato estranho, só aqui tá escuro

Justo nesse poste não tem luz de mercúrio

Passaram vinte fiéis até agora, dá cinco reais

Cumprimenta e sai fora

Um irmão muito sério, em frente à garagem

Outro com a mão na cintura em cima da laje

De vez em quando a porta abre e um diz:

"Tem do preto e do branco?" e coça o nariz.

Isso sim, isso é que é união!

O irmão saiu feliz, sem discriminação!

De lá pra cá veio gritando, rezando

"Aleluia, as coisas tão melhorando!"

Esse cara é dentista, sei lá...

Diz que a firma dele chama "Boca S.A.".

Será material de construção? Vendedor de pedras?

Lá na zona sul era patrão

Que patrão o caralho! Ele é safado

Fugiu do Valo Velho com os dias contados

A paranoia de fumar era fatal

Arrombava os barracos, saqueava os varal

Bateu na cara do pai de um vagabundo

Humm... tá fazendo hora extra no mundo

A noite tá boa, a noite tá de barato

Mas puta, gambé, pilantra é mato!

Tem que saber curtir, tem que saber lidar

Em qual mentira vou acreditar?

A noite é assim mesmo, então... deixa rolar

Em qual mentira vou acreditar?

Tem que saber curtir, tem que saber lidar

Em qual mentira vou acreditar?

Tem que saber curtir, tem que saber lidar

Em qual mentira vou acreditar?

A noite é assim mesmo, então... deixa rolar

Em qual mentira vou acreditar?

Tem que saber curtir, tem que saber lidar

Em qual mentira vou acreditar?

1. Hip hop: Seu nome tem origem nas palavras Hip (quadril, em inglês) e Hop (saltar). Que em sua tradução literal fica movimentar os quadris. [↑](#footnote-ref-2)